

# CASA EM CHAMAS



**AGOSTINHO BOTH**



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Este livro contém uma história trazida ao lume pela decisão compulsiva do autor em dizer sentimentos e ideias sobre a complexidade humana, com efeitos heróicos e perversos. O tumulto de paixões, sofrimentos, superações e quedas revelam uma cultura mal resolvida. O poder masculino e a política egocêntrica se mostram de maneira descontrolada e sofrem todos aqueles que ainda resistem. Muitos são cativos de uma ética soberana, com valores frágeis, de pouca correspondência no cotidiano das relações sociais. Todavia esforços buscam salvar, nesta história, a comunicação sincera, embora claudicante.



# CASA EM CHAMAS



AGOSTINHO BOTH





**AGOSTINHO BOTH**

# **CASA EM CHAMAS**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
1ª Edição, Abril de 2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetoassofundo@gmail.com](mailto:projetoassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisão: Tânia e Pedro Du Bois

Arte da Capa: Maria Lucina Busato Bueno / Série Sementes / Tintas naturais sobre papel vergê / 48x64 cm / 2002 / Acervo particular.

B749c Both, Agostinho

Casa em chamas [recurso eletrônico] / Agostinho  
Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

6,2 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-386-9

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. I.  
Título.

CDU: 869.0(81)-34

# SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	7
A CASA DE VERA CRUZ .....	9
MEMÓRIAS DE UMA CASA .....	13
DEUS E O DIABO NA CASA DE TEÓFILO .....	17
DONA APARÍCIA .....	31
POBREZA DE MÃE PERDE MEDO .....	33
O TEMPO DISPARA .....	35
UM PAI CONTENTE .....	39
QUE PAI É VOCÊ? .....	55
DESCI AOS INFERNOS .....	63
JOSUÉ .....	67
DEUS DEU-LHE UMA MULHER.....	71
INTUIÇÕES MATEERNAS .....	77
FERAS À VISTA.....	79
EM BUSCA DE PAZ .....	85
SONHO DE OUTRO MUNDO .....	89
UMA VIAGEM PRA NÃO ESQUECER .....	95
CONVERSAS INTENSAS .....	109



# PREFÁCIO

O fogo da casa apresenta-se desde a morte de Vera Cruz até ao final de sua descendência. Em todo livro prevalecem chamas nomeadas em paixões, violências e até compulsões psiquiátricas. O autor pretende mostrar os caminhos contraditórios da alma humana. Propõe exaustivamente a comunicação como forma para redimir os pecados ao entrar pelas casas em chama. São percebidas dificuldades severas até naqueles que tentam afastá-las. As mulheres e os homens não medem forças para apagar as chamas indo até ao inferno para buscar o caminho da salvação. Leia para conferir!



# A CASA DE VERA CRUZ

Aqueles foram dias perversos para a senhora Vera Cruz. O marido, falecido há duas décadas, deixara uma herança maldita. A pobre mulher teve em seu desfavor o pagamento de trezentos mil reais em dívidas para o senhor inglês, George Canning. A viúva sentiu a independência financeira chegar ao fim. Os agregados e vizinhos não tiveram respeito para com ela, dizendo-lhe: que se avenha! Mostravam filhos e netos, explicando o quanto para eles era difícil o sustento. Cada um dos devedores buscou ludibriar da melhor maneira a velha senhora.

O marido João, fugido de Portugal, até que se dera bem na exploração das riquezas nativas. Sofria de uma mania: não levar a sério as contas. Farreava tanto quanto os filhos. Resultou aquela estúpida dívida. Pra maior desespero de Vera, descobriu que, além da dívida para com George, havia dívidas com o fisco. Para aliviar-se fez amizade com um político da capital, facilitando-lhe o pagamento ao tesouro nacional. O homem da vida pública pediu dez por cento do valor devido: a senhora sabe como é difícil a vida de um político, explicava-se. Assim conseguiu o livramento dos impostos.

George, bem como todos ingleses da história brasileira, não poupou a velha senhora, jactava-se ser descendente de George VI, Rei do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, Rei de Hanôver e Duque de Brunsvique. Não costumava tergiversar com dinheiro. Pontificava: *I want my Money!*

Dos restantes débitos, ela que a pau, corda e justiça, conseguiu amealhar cento e cinquenta mil reais dos vizinhos, faltando-lhe outro tanto.

Enquanto se sucediam os dias, Vera se quebrava a ver o quanto mais poderia amealhar. Veio, então, outro político em socorro.

— Dona Vera, tenho uma proposta para saldar o que deve.

— Vem de lá que respondo daqui. Andava sestrosa, pois a política andava muito corrompida. Não desejava que lhe compromettessem o nome.

— Pode retirar um empréstimo bancário pra pagar o restante ao senhor Canning. Serei o avalista. Quando vier a cobrança, confie em mim, serei seu fiador.

— A troco de que tanta bondade?

— Me dou demais com a diretoria em Brasília. Se a senhora me alcançar dez por cento do empréstimo e uns boizinhos, será a conta.

— Tão bonitos meus bichinhos, dois anos de pasto, reclamava. Assim, completou-se o pagamento ao George Canning.

Certo dia de sol de acabar com as vistas, ela viu um senhor adentrar-se pelo portão da casa. Veio trazer-lhe a cobrança do empréstimo bancário com juros módicos. Não teve dúvidas. Solita, dirigiu-se ao político lembrando o prometido.

— Não é mais possível. Consegui retirar do banco o título de fiador. Estou listo, me custou um bom dinheiro. Tudo se tornou mais difícil. A polícia está cercando certos políticos. Não quero comprometer a minha honra. Vou conseguir devolver os boizinhos.

— E eu, como é que fico?

— Fica com a dívida. Consegui um juro bem baixinho. Ou quem sabe entrega parte da pastagem. Para que se matar no fim da vida?

Espalhou-se a notícia pelo campo afora: Vera está entregando as terras.

— Avisei, mamãe, que não confiasse nessa gente. Como a senhora sempre diz: pra tudo existe uma solução, falou o Tônico, filho do meio, vagabundo que só ele. Tem o seu filho Demétrio que pode comprar a terra e tudo ficará como dantes, em família. Ele até prometeu dar uma beira para mim e para a Andreia.

Assim, foi o dito pelo feito.

A dona Vera Brasil no se ver sem nada, foi ter com o compadre Alexandre, o Grandão.

—Sabe compadre, tô na merda, primeiro o inglês me comeu pelas pernas, e tudo o mais. Agora os filhos me devoram o resto.

—Não tenha preocupação. O dinheiro é cruel. Agora tá livre dele e a terra só lhe deu tristeza.

—Cruel pra quem não tem, investivou amarga. Não me agrada viver de favor. Vou ficar esperando a morte com uma merreca de pensão?

—Parece que o sobrenome da senhora está lhe doendo.

—De fato, hoje não tenho Cruz, sou a própria.

Doídos dias se seguiram: perdeu o objeto das conversas. Via por eles. O campo e a bicharada concediam razões, enquanto o Demétrio e o Tônico preocupações. E agora entregando tudo por uma pensão...

Até a Andreia veio agradecer a bondade materna.

Conforme o combinado, Demétrio garantiu uma pequena pensão para a mãe; exigiu, porém, toda a terra.

A velha senhora Vera Cruz ficou crucificada. Nada restou, senão a casa. A terra transformou-se em lavoura, passando junto à porta, último reduto do poder. A velha mal podia respirar nos dias de pulverização para controle das larvas devoradoras da plantação. Fechava a casa protegendo-se do veneno a encher o ar. Bateu-lhe uma dor, deixando-a semelhante a um urutau, virada em tristeza. Vivia murmurando para si mesma: que saudades de meus bichinhos! Até minhas ovelhas se foram. Fui toda tosquiada.

Falavam à boca cheia: a velha tornou-se triste em razão do veneno. Ela sabia ter perdido o principal. O verde do campo dera lugar à diversidade de plantas provisórias. Os animais e as árvores, uma lembrança. Adoeceu: uma depressão tirou os desejos e a vontade por troca de maus pensamentos.

O filho Demétrio a levou ao psiquiatra. Vera Cruz melhorou, tornando-se eufórica. A casa começou a encher-se de alegria. As vizinhas vieram partilhar a felicidade nela traduzida.

—O que não faz a medicina, comentou Eulália.

— Só eu sei o quanto, completou Vera.

Até os netos começaram a se arranchar nos fins de semana.

O psiquiatra havia comentado com Demétrio:

—Preste atenção na senhora Vera. O medicamento poderá perder a eficácia. Ela não está livre de uma recaída.

—Pode deixar, doutor.

Noite promissora. Tratou das crianças com ternura. A alegria de dois netos, mais três dos vizinhos; pura alegria.

—Agora para a cama, crianças!

A noite sem lua avançava pelo silêncio da plantação.

Uma gritaria de crianças. Eram cinco, saltando da casa em chamadas.

Gritavam, chamando pela avó. Se não fossem as rápidas pernas da gurizada soja adentro, não escapariam. Da casa nada restou. Da avó, o corpo queimado.

Ouve alguns murmúrios. O neto mais velho lembrou ela ter dito: Boa noite para uma festa! Boa noite para uma festa!

Um ano depois a lavoura foi estendida um pouco mais, ocupando o espaço da casa.

# MEMÓRIAS DE UMA CASA

A vida tem mania de não apreciar o esquecimento. A mais nova, Cassiana, não suportava qualquer referência à morte da avó. Teófilo, vinte anos, o mais velho de Demétrio, tinha o sonho recorrente em que a avó olhava pela janela, enquanto a sua irmã e as outras crianças se safavam das chamas. Ao visitar a irmã, abordou a distante lembrança da noite insurgente. Além do sonho, de tempos em tempos, espicaçava-lhe a figura da velha senhora entre as chamas. Ao meio das palavras de fatos cotidianos, soltou o verbo:

— Bem que meus filhos gostariam de conhecer a bisa, não acha?

De imediato, um rumor de angústia entalou-se no peito. Entre lágrimas gritou.

— Por que a vó não saiu pela janela? Exaltou-se a irmã. Lembro um vulto me acordando. Fui eu quem gritou primeiro. Corri me batendo contra os outros. Eu vi a bisa; depois as chamas tomaram conta de tudo. O escuro e o clarão de fogo devorando ela, eu lembro!

Os dois começaram a investigar o assunto. Teófilo, o mais intrigado, começou a se convencer da morte: suicídio. Não podia entender a razão. Sem o pai saber foi falar com o psiquiatra. O médico expôs superficialmente a insatisfação dela em relação às injustiças sentidas. Foi até conversar com o inglês, que mal o recebeu. O velho Jorge Canneman defendeu-se: não foram os juros a razão principal do sofrimento da sua avó.

O político envelheceu, os filhos enriqueceram, o banco obteve benesses do governo e ela acabou. Tempo de loucuras.

O mais difícil foi superar a raiva ao perceber o que o pai praticara contra a mãe. A pequena pensão não significava nada perto do valor das terras. Foi ter com o pai.

Ao abordar a aquisição das terras, o velho senhor aprumou-se, desculpando-se:

— Dividi as primeiras colheitas com meus irmãos. Andreia e Tonico não têm do que se queixar. Ele pôs o dinheiro fora, enquanto a mana, graças aos pagamentos, sustenta ainda a casa.

— É muito grande a diferença dos valores dados às terras, comparados à pensão e à casa. As nossas contas não fecham.

— Você fala certo, filho, nossas. Se eu não tivesse assumido o que restaria se o banco tomasse as terras?

— Era só pagar o débito com parte das terras da vovó.

— Esquece, filho. Fiz o melhor e o tempo curou qualquer culpa. Talvez na época eu não tivesse a consciência que você tem. Tampouco media os direitos dela. Pesei o benefício de todos, meu filho; ela concordou.

— Mas, ninguém avaliou o sofrimento causado.

— A gente não sabe ao certo. Ela estava feliz depois do tratamento. E não paguei tão pouco.

— O senhor sabe que ela se suicidou em razão de não sentir apoio e ter que respirar o ar cheio de veneno.

— De onde tirou esta ideia de suicídio?

— Eu e a Cassiana a vimos na janela antes de a casa prender fogo. Ela estava acordada quando o fogo a devorou.

— Isso você conclui agora, remexendo fantasias de criança.

— Antes fosse, meu pai.

— Sei que não fui tão justo com mamãe. Agora faria coisa melhor. Sofro calado a sua morte. Os rumores e os olhares, quando ando por aí me incriminam. Não deixei de fazer o bem, nem a sua avó se mostrou insatisfeita. Veja, apenas mais tarde li sobre o possível mal da pulverização perto das casas.

— Seja lá o que tenha acontecido, merecemos perdão. Também, com 12 anos eu podia quebrar a janela, e não fiz.

— É isto filho, por medo ou por não avaliar bem o que deve ser feito, a gente pisa na bola.

— É pai, só Deus para saber o melhor, desculpou-se o filho.

No dia seguinte veio Cassiana, filha mais velha, à casa do pai, trazendo notícias.

— Pai! Estou grávida novamente.

— Isto me encanta, filha. Já tem nome a criazinha?

— Vera, uma homenagem.

— O nome da sua vó!

— Não fique assim, pai.

— ...

— Tô com cisco no olho.

— Sei.



# DEUS E O DIABO NA CASA DE TEÓFILO

Teófilo meteu-se na vida por decisão própria, tendo em vista as circunstâncias favoráveis da herança bem medida. O pai, a conselho de um advogado, passou em vida o que era possível. Fez assim para evitar qualquer queixa futura. Demétrio falara para amigos: nem mais de um filho e de uma filha pra não haver briga. O tal do dinheiro só causa confusão na família.

Teófilo prometia ser um bom homem. Tornou-se cidadão de princípios. O rapaz, mesmo com a terra herdada, mostrava-se preocupado com o que fazer da vida. Fez o Curso Técnico na escola Agrícola de Sertão. Ao fazer vinte e um anos, achou de tirar das terras o melhor proveito. Diversificou a produção de sementes e de animais. Fez tudo com capricho extremo. Casou com Manoela, filha de um produtor rural de boas terras, recebendo mais oitenta hectares. Falou ao sogro: não carece, viveremos bem com o que já tenho. Todavia, foi faceiro com Manoela até o registro de imóveis.

De fato, homem bom, podia ser dito dele. Na falta do pastor, se via pregador substituto na igreja evangélica. Norberto Banafê, o pastor, apontava-o como exemplo de pai, de filho e de espírito bom. Possui caráter ilibado, expressava o pastor. Teófilo apreciava narrar na fala religiosa o maior pecado de Davi. Por velhos costumes do campo, a fidelidade masculina não se fazia tão fiel. Teófilo, falando aos fiéis e para si mesmo, pelo menos uma vez por ano, repetia a exemplar história de Davi:

*O soldado Urias tinha por esposa uma linda mulher. Davi se apaixonou. Mandou, então, Urias à frente de batalha. Levou uma*

*pedrada do alto do muro de uma cidade. Morreu poucos dias depois em luta por Davi. Tudo feito de propósito. Deus enviou então um profeta de nome Natã para que ele pusesse a vista no crime de Davi. O profeta pequeno chegou à casa de Davi falando desse jeito: Havia em Israel um homem poderoso; certo dia, chegou à casa do homem poderoso a visita de um estranho, ele, não querendo tomar de suas ovelhas nem de seus bois para dar de comer ao hóspede, apoderou-se da ovelhinha de um pastorzinho, preparando-a para o hóspede. Davi, indignado contra tal homem, disse a Natã: Pela vida de Deus! O homem que fez isso merece a morte. Ele restituirá sete vezes o valor da ovelha, por ter feito isso. Natã disse então a Davi: Tu és esse homem. Eis o que diz o Deus de Israel: Feriste com pedra a Urias, o hiteu, para fazer de sua mulher a tua esposa, e o fizeste perecer pelas mãos dos amonitas. Por isso, jamais se afastará a espada de tua casa.*

*Davi disse a Natã: pequei contra o Senhor. Natã respondeu-lhe: o Senhor perdoa o teu pecado; não morrerás. Todavia como desprezaste o Senhor com essa ação, morrerá o teu filho, fruto da traição ao soldado Urias.*

O pregador da hora, falava com voz forte a parte final: que cada marido se houvesse com a promessa feita. Também ele sentia atração por outra mulher, sabendo da própria fragilidade. Tornara-se homem fidelíssimo, mas, um dia o demônio entrou na casa na forma de uma guria muito desejável. Manoela, depois de dar à luz a dois meninos e uma menina, precisou trazer Simone, que era o nome da linda guria. Ela foi contratada para auxiliar no cuidado com as crianças, porque Manoela realizara concurso para o magistério. Embora as terras de Teófilo fossem suficientes para levar uma vida de razoável conforto, ela não se sentia bem na dependência do marido. Assim, Manoela assumiu em uma escola, com a vinda de Simone, Teófilo reclamou:

— Tempos modernos... Não precisaria trabalhar, dona Manoela.

— Estou lhe estranhando, marido.

— Esqueça, Manoela. Respeito a decisão tomada.

— Por que, me quer todo o dia em casa?

— Pensei nas crianças...

O mesmo diabo de Davi, saltitava nos campos de Teófilo.

— É só de tarde, meu bem.

— Esqueça a minha chatice.

De todo jeito, Manoela ficou ciscada. O marido sempre fora cordato com as suas decisões.

No início do outono, terminada a colheita de uma das roças, Teófilo foi até em casa para ver as crianças e tomar uma água fresca. Os primeiros calores se anunciavam precoces. Não era de profundidade teológica, porém, sabia da tentação que carregava. Orgulhava-se de cuidar bem da casa e dos habitantes grandes e pequenos. A mana Cassiana orgulhava-se de contar com ele para orientação nos gastos e para lidar com o marido. Até o chamou para uma conversa; afinal, pregava eventualmente na igreja e não negaria conselhos. Com este estofo de lembranças, dirigia-se para casa. Enquanto mactasse a sede, abraçaria o pequeno Gustavo. Lídia e Ricardo ensaiavam as primeiras letras. Manoela mostrava o valor de uma pedagogia ativa, envolvendo os alunos em atividades práticas sobre o que aprendiam na teoria. Ao tratar da constituição social e das formas de governo, fazia com que os pequenos alunos colaborassem, de uma forma e outra, para a melhoria das famílias e a alegria geral da nação.

Enquanto ela buscava práticas de melhor solidariedade, o belo marido se via envolvido com instintos primitivos. Assim aconteceu:

Ao entrar na varanda sentiu a suavidade da brisa e iniciou a conversa.

— Tudo em ordem, Simone?

— Tudo, senhor Teófilo.

— Vou trocar de botas. Estas me fazem doer os pés.

— Deixa que eu pego as outras. São estas?

— São.

— Simone as depositou aos seus pés, parecendo demorar um pouco mais ao se inclinar para apanhar as outras. Ficou próxima,

roçando os cabelos nos seus joelhos. Ela, por recato, pôs as mãos no peito ao se abaixar.

—Obrigado.

—De nada, senhor Teófilo.

—As botas velhas começaram a me incomodar falou para a esposa, à noite.

— Isto a Simone me falou. Vê se compra outras mais delicadas.

— Acho que o calor estava demais.

— Vamos comprar outras, meu bem.

Enquanto Manoela ouvia as experiências dos alunos em torno das atividades para a melhoria geral das casas e alegria da nação, sucedeu mais uma vez fazer calor excessivo. Teófilo sentia sua sede clamar por água fresca. O temporãozinho, Guto, novamente dormia tranquilo o soninho da hora.

— As botas de novo, senhor Teófilo?

— São novas e apertadas.

— Já trago a água, também.

Olhares, que olhares! Desejo inscrito a romper vontades. Aproximou-se mais ao servir o copo com água. A respiração de Simone movia seu peito, saltando os seios até a auréola. Água tomada em goles sôfregos. Com dois passos, Teófilo alcançou a porta.

Simone percebeu o quanto perturbava o patrão.

Antes do anoitecer, o casal retornou.

— Não veio dar uma espiada no Guto, instou Manoela?

— Não. Bem no fim do trabalho vim pra me arrumar. Hoje à noite tem jantar no Clube, não lembra?

— Lembro e vamos; você está ansioso?

— Quem? Eu?

— Quem poderia ser?

— Ah! Sim, por causa da nova colheita.

— Que colheita nova?

— Feijões pretos, muito lindos.

— Mas, é época de colheita?

— Estou falando dos feijões a serem plantados para a próxima colheita. Estou também preocupado em conseguir o veneno certo para controlar a praga.

— A safra passada deu pouco?

— A última safra sofreu com as pragas; quero evitar as perdas.

— Dá para recolher os pratos, dona Manoela, perguntou Simone?

— À vontade.

Ao recolher, derrubou a panela de sopa.

— O que está havendo?

— Distração, apenas. Encostei na parte quente e a panela me escapou das mãos.

— Só a panela, abordou Manoela?

— Desculpa, dona Manoela.

Foram dias de tempestade para Teófilo. A natureza falava alto, a força divina pouco invocada, o desejo uma torrente e a vontade, dúbia. Foi ter com o pastor para ver como diminuir a tentação que se alastrava pelo corpo e alma. Não havia água suficiente para apagar a sede. O pastor foi breve.

— Estou como Davi, pastor Norberto. Tenho tanto medo de desgostar Manoela. Se Davi viu a mulher de Urias nua, estou tentado mesmo vendo a Simone toda vestida.

— É loucura ver o que viu e fez Davi. Nestes casos não há outra solução. É matar a pau esse diabo que lhe devora. Manda embora essa Simone, já que não controla o corpo e a arma; quer dizer, a alma.

— Como explicar para Manoela o afastamento da empregada? É mulher de bons dotes.

— Até demais.

— Faça isso que é pra não perder a sua mulher e seus filhos.

— Isso, jamais.

O pior aconteceu, expondo ainda mais a fragilidade do quase pecador. A irmã de Manoela, Quitéria, moradora de Soledade, pediu para a mana ficar com ela dois ou três dias, nos cuidados do primogênito que lhe nascera. As circunstâncias favoreciam a morada do diabo na casa de Teófilo. O pequeno Guto iria com a mãe, Ricardo e Lídia, apesar dos protestos, ficariam em casa. Escola não foi feita pra faltar, foram as palavras do pai Teófilo.

Havia festa no coração de Simone e inferno no coração de Teófilo. Por mais que o nome Teófilo traduzisse a amizade divina, nada adiantou. Resistiu na primeira noite. Na segunda, com movimentos próprios reduziu a carga da natureza, mas, na terceira, o inferno foi visitar a casa.

Dormiam as crianças, quando alguém delicadamente bateu à porta de Simone.

Ela, com a suavidade da lua, o recebeu. Tremores de corpos em mútua efusão se entrelaçaram por minutos. Assim, também no dia seguinte. As chegadas em tremores e as retiradas em temores acalmaram os amantes.

Depois da tempestade, nunca mais será a mesma coisa. A terra carrega costumes antigos: suporta ventos. Não foi o que aconteceu com Teófilo que, incapaz de refrear os ventos, pagava o preço pela culpa. Para se acalmar, levou a espingarda pra derrubar algumas carijós frequentadoras das árvores num capão. Faltou coragem para mirar o próprio coração, tamanha a aflição. Em passos largos, sem morrer e sem matar, voltou para casa. Caía a tarde; hora de João e Lídia retornarem para casa. Ao menos teria respeito ao ouvir as histórias da escola.

A chegada de Manoela foi de efusão e quase constrangimento de sua parte. Simone chorava em silêncio, tentando esconder esse tempo estranho para ela.

— Que se passa aqui em casa? Parece que perdi o jeito de me achar.

— Esquece querida... As saudades dos irmãos têm disso, bem. Tudo se ajusta.

— Para melhorar o clima, teu irmão Luís, de Porto Soberbo, telefonou para irmos visitá-lo. Então vamos fazer esse passeio?

— Vamos, querido; assim, aproveitamos pra atravessar o Uruguai e trazer uns bons vinhos. Estou com saudade de um licor argentino, de baixo teor alcoólico, que sempre tomávamos sozinhos. MA-NON, acho que era. Aproveitarei minha licença para tratamento de doença; iremos no final da semana e voltaremos na segunda.

— Que tratamento, questionou Teófilo?

— Falei por falar... Desculpou-se. Uma pequena falha de responsabilidade.

— Isto não se faz, mamãe. O professor de filosofia ensinou que o maior pecado do Brasil é não respeitar as leis.

— Não repetirei o erro concluiu envergonhada

Em seguida, Manoela começou a se organizar, pedindo também para Simone por ordem na roupa das crianças.

Teófilo foi tentar remediar o conflito exasperante, com o pastor Norberto Banafé. Sentia-se pequeno diante da montanha que ribombava ventos e raios.

O diálogo foi de estremecer as bases de Teófilo. O pastor lamentou, dizendo não haver outra solução: manda essa mulher embora! Viu só no que deu você se achando o maior, o domador de diabos. Você parece aquele sujeito que se deita apontando os pés contra o horizonte, achando que são maiores do que o sol. Estúpido, isso você foi! Você está possuído! Manda ela embora. Imagine uma solução... Fale com ela... Assim como você navega, o barco afunda em pouco tempo. Ou, por acaso, quer deixar a família? E diga, quem garante que ela não esteja grávida?

— Não precisa dizer mais nada. Vou encontrar a saída. Dê-me a bênção, pastor.

— Abençoe-me também, Teófilo, pra que não caia em tentação.

Despediram-se cheios de interrogações.

O transtorno afetivo de Teófilo o deixou embrutecido, uma paixão mortal o invadiu. Foi passear, maquinando uma solução. Manoela vigiava com olhar atento.

Foram para Porto Soberbo. De lá, iriam para o outro lado, El Soberbo, a toca de bebidas da Argentina.

Simone acompanhou a família. Os dois piás pareciam superativos. Pois bem, não é bom dar moleza que a notícia é urgente.

Luiz e a esposa os receberam com festas. O nervosismo de Teófilo é que não escapava. Tropeçava até nos seus calcanhares e nos dos outros. Luiz, muito brincalhão: Não aprontou pra Manoela? Cuidado cunhado, mulher braba é cobra no calcanhar.

Teófilo desconsiderou a brincadeira:

— Pois é Luiz, queremos comprar uns vinhos e alguns licores.

— Vieram no tempo certo. Houve queda nos preços. Teremos alguma festa?

— Fim de safra na semana que vem. Faço questão da presença de vocês.

Almoço feliz, porém, com conversa aos solavancos, com demoras. A cabeça de Teófilo se ocupava com a morte.

— Vamos a que viemos, atravessar o rio. Vai junto Manoela, sugeriu Teófilo?

Dos meninos ouviu-se um apelo só: também vamos!

— Vai a Simone no meu lugar. Ela não conhece a Argentina. Assim, caberá mais bebida pra festa. Não esqueça o licor!

— Tudo, menos isto, querida... Simone o contemplava como a um deus distante.

— Tive reparando o tempo, Téó. O rio não está pra peixe, tem nuvens se erguendo. Se alguém quiser que vá, eu não vou. Tô de susto desde o mês passado por causa do vento. As águas estão altas, avisou Luís.

— Vou num *vaptevupt*, cunhado medroso. Não estou te conhecendo.

— Vamos rápido, Simone. Não quer ir mesmo, Luiz? O barco é forte, os remos bons e o remador competente. Lembra outras vezes... A Simone é ligeira; pelo que sei, ela não tem medo de água. Antes que o vento venha já estaremos de volta duas vezes.

— Peço desculpas, Téó, vai firme! Fico preparando o churrasco pra noite.

Lá foram os dois.

Passando poucos metros do meio do Uruguai, uma nuvem se mostrou ameaçadora. Mal deu algumas remadas a mais e o vento começou a varrer as águas. O barco pouco avançava por conta da ventania. De repente, um movimento brusco pegou o barco de jeito e o encheu de água! Afundou o barco com os dois. Teófilo perdeu Simone de vista. Viu a seguir a garota se debatendo. Ela percebia que a corrente a empurrava para baixo.

— Deixo ou não deixo que fique? Porém, num gesto rápido, agarrou e segurou a moça.

Mil apelos colidiam em Teófilo. Compaixão e angústia se revezavam. Por fim, agarrados ao barco emborcado se aproximaram dos sarandis que pendiam sobre o rio.

— Vamos nós, Simone, que se perca o barco. Com braçadas, Teófilo arrastou Simone até a margem.

— Não se assuste, estamos chegando.

Ela tossia, expulsando a água.

O barco encalhara logo no baixio da margem, enquanto o vento silenciava, parecendo haver cumprido uma missão.

Por fim, agarrados aos galhos estendidos sobre as águas, se sentiram salvos.

— Teófilo, Deus castigou a gente. O vento se acalmava. Por que fez aquilo?

— Do que está falando?

— De seus olhos horríveis.

— Era medo

— Vamos voltar, quero meu pai e minha mãe. O senhor estava com raiva. Eu vi.

Subiram o barranco. Viram logo adiante uma casa.

— Um homem veio ao encontro.

— Sou Fernando, posso ajudar?

— Buenas tarde amigo saudou Teófilo.

— Não precisa falar castelhano, compreendo tudo.

Enquanto subiam, pedi para meu piá pegar o seu barco emborcado.

— Acho que hoje não vou mais comprar vinho.

— Se quer voltar tenho um barco com motor de popa. Muy seguro!

— Pode nos levar de volta?

— Seguro!

— Com pagamento só do outro lado. Pode ser?

— Como *le gusta*.

— Em instantes desceram a barranca do rio. A nave do castelhano, vencedora de ondas, também rebocou o barco do Luiz. Paz nas águas...

— Como está, Simone?

— Não sei, e se pôs a chorar.

Teófilo a consolou pondo a mão sobre o ombro. Ela a afastou, peremptória. Em instantes chegaram ao outro lado, onde o pavor pela demora se refletia em cada rosto.

Ouviram de Teófilo a narrativa do acidente.

— Falei para não ir! Você foi temerário. Imperdoável, invec-tivou Manoela.

— Falei com o Hernando que nos trouxe. O barco é maior. Irei com ele ainda hoje buscar os vinhos e o licor.

Concordaram, porque o rio estava sereno. Luiz e Teófilo, entre silêncios, se bandearam pra a Argentina, com Fernando.

Mesmo depois, o clima carregava chumbo, não adiantando as compras feitas. A visita foi apenas de dois dias, com Simone pedindo, entre soluços, para voltar. Avisou também à Manoela: vou pra minha casa! Quero ver minha mãe. Ao passar por Teófilo, murmurou: por que me olhava daquele jeito?

Não faltou vinho, licor e peixe. O castelhano além de socor-

rista revelou—se bom mediador de bebidas e carnes. Vendia até veados e pacas da Argentina.

Nas despedidas ainda se mostravam nervosos. A ternura ficara no rio.

A viagem de retorno foi apenas com intermitências infantis.

Ricardo se tornou inconveniente.

— A gente veio bem e vai mal, que merda! Por que a Simone não para de chorar?

— Ela está com saudades da sua mamãe, respondeu Manoela.

— Ela não vai ficar lá em casa? Inquiriu o pequeno. Eu gosto dela.

— ...

— Quem vai cuidar de mim? Era Lídia.

— Falei com a vovó Tonica, mãe do seu pai.

— Ela é braba, mamãe.

— É nada; só xinga quando vocês fazem arte.

— Ela não gosta de brincar... A Simone brinca com a gente.

— A vó Tonica também brinca. Ela só cansa por que é mais velha.

— Muito velha! Lídia emendou.

Enfim, chegamos.

— Teófilo, o senhor me leva logo pra casa?

— É só descarregar as coisas.

Assim foi entre silêncios:

— Vamos, Simone! Era Teófilo, agitado.

Cinco quilômetros de ares, quero—queros, pilinchos, tesourinhas e canários. Por fim, Simone falou:

— Por que fez aquela cara de raiva?

— Você confundiu minha raiva com meu desespero.

— Tive medo do senhor. Muito medo. O senhor queria me matar?

- Tá louca, guria? Se quisesse era só deixar a onda te levar.
- E agora, se estou grávida?
- Nem me fale.
- Eu falo.
- Meu Deus!
- Deus não tem culpa. A criança será do senhor.

Pararam numa picada lateral.

— O que fará se confirmar a gravidez? Vai tirar o bebê?

— Nem morta. É meu filho. Vou criar.

— Há quanto tempo não vem a menstruação?

— Mais de semana.

— E o rapaz que disse ter amor por você?

— Pensei bem. Vou voltar pra ele.

— Volte! Ajudarei. Ele a ama?

— Mais do que o senhor.

— Desculpa, Simone. Mas, tire da cabeça a ideia que tem de mim.

— Não sei. Não se preocupe, ficarei quieta.

— Deixe-me na casa do meu namorado.

— E a tua mãe?

— Vou depois.

— Vai me esquecer?

— Vou.

Apenas foram ouvidos dois rumores de boa noite. Depois a luz trêmula das margens afastava a escuridão das touceiras, levantando perdizes, assustadas em voo incerto. Teófilo pedia a Deus pra tudo se esgotar sem maiores complicações. Cobrava do Senhor uma ajuda para o caso, lembrando—Lhe dos esforços na igreja. Teófilo torcia pra que o dito rapaz assumisse o casamento.

Depois, houve silêncio na casa de Manoela.

Mal se anunciava a manhã, Teófilo dirigiu—se à casa do pastor.

— Ué, tão cedo assim?

— Viagem curta que meus dias foram de *mala suerte*.

Os dois rumaram para a biblioteca que a confissão foi bruta.

— Pretendi matar a guria, pastor Norberto. Não podia deixar Manoela e os filhos pela Simone. Resolvi pela escolha do diabo, virei o barco no Uruguai. A canoa virou na correnteza, mas, cadê coragem pra deixar morrer a Simone.

— Chegou a tanto?

— Vi-me embrenhado nesse mato bruto. Resolvi simplificar. Não me reconhecia no desespero.

— Agora que a salvou, quanto tempo se fixou na moça?

— Bem uma semana.

— E se cuidou?

— Que cuidado!?! Quando a cabeça anda à deriva, o diabo dirige o barco; parece que está grávida.

— Ela está com você?

— Acho que percebeu a minha intenção. Levei Simone pra casa do namorado. Deve estar na casa da mãe.

— Que Deus me perdoe, tem cada colhão que Deus mal sabe como fez.

— E o meu quem governou foi o diabo.

— O diabo do Teófilo, você quer dizer.

— Quero assumir a parte que me cabe sem que a Manoela saiba.

— Tarefa complicada a de esconder pecados. Eles espiam por todos os lados. Fale com Simone, mulher ressentida é cobra perigosa.

— Ando de botas.

— Vi o poder das suas botas. De todo jeito, leve numa boa, fazendo crer que a salvou na tempestade.



# DONA APARÍCIA

O conselho do pastor Norberto caiu bem. Teófilo buscava evitar qualquer atrapalho em casa. Semanas depois foi visitar a dona Aparícia, mãe de Simone, pra auscultar os perigos, no que foi bem sucedido. Estava desprotegido que só leitão gordo em casa de pobre.

— E a Simone por onde anda?

— Não sei que *bobage* que fez de não *querê trabaiá* em sua casa.

— Também fiquei sentido, e nem falo da Manoela, que anda atrapalhada com os três.

— Ainda bem que tá de casamento prometido com o Pércio. Tô até desconfiada que anda de barriga. Estas gurias não têm mais jeito. Ando meio perdida nessas *mudançaiada*. Este país tá mal que até minha porca tá se negando a *emprenhá*. Acho que meus galo andam de frescura; as galinha tão difícil de *ponhá*. Só falta elas querê trepá.

— Talvez falte milho pra elas.

— Se tiver, eu mesma como.

— Arranjo um saco pra senhora.

— É bondade demais. Depois, essa guria *deixá* um patrão desses. Se vier mais um, não sei no que vai *dá*. Quem vai *cuidá*?. O Pércio tá na cidade tentando *vê* se acha emprego. De estudo, nem tem o primário. Vai *achá* o quê? Por *falá* no diabo, aponta o rabo. Aí vem a Simone.

— Tudo bem, Simone? Falou Teófilo, com voz humilde.

— Tudo bem. Eu e o Pércio iremos casar.

— Tão já?

— Tô grávida dele.

— Vim pra acertar as contas. Nada a impede de voltar a trabalhar.

— Vou pensar, senhor Teófilo.

# POBREZA DE MÃE PERDE MEDO

A dor da mãe não tem medida quando a carência bate nos filhos. Simone, ao ver a miséria na casa que Pércio lhe oferecera, começou a não suportar. Ele vivia de dar dó. Tirava nada de trabalhos eventuais. Comia pão mofado de mais de semana.

Os meses vieram promissores para a criança. Um belo menino se fazia. Impaciente estava a Simone por causa da pobreza. Nasceu por fim gritando de estranhar, tamanha a força.

É a cara do Pércio, dizia a vizinha Teodora. Magrinho que só ele: quase morto de fome. O peito de Simone é que se havia. Pela gentileza do milho e de umas galinhas o coração de Simone ia esquecendo as águas do rio. Numa das vindas de Teófilo, trazendo auxílio, disse:

Enganei-me, seu Teófilo, o barco virou por causa do vento.

Teófilo afastou o diabo, mas outros se precipitavam. A saudade reclamava o corpo de Simone. Tinha satisfações em casa; Manoela não o deixava frustrado nos desejos de homem, entretanto, Simone o havia possuído. Ao tomar água, ao pôr as botas, às quatro da tarde e a porta do quarto vizinho acusavam a sua carência. Enquanto voejava o diabo sobre o corpo de Teófilo, vinham novos filhos na casa do Pércio.

Mal se houve o primeiro, de nome Diógenes, apressado, chegou Francelino. Não teve dúvidas, Aparícia deu no grito.

— Escuta *muié*, acende o foguete dentro de casa e dá o tiro fora? Tô ficando *vêia* e cansada. Vai *sobrá* pra mim *cuidá* dessas *cria*. Vai logo lá na prefeitura, tão dando remédio pra evitá de *tê* fio. Vê se vai procurá.

— Vô sim, mãe.

Reunindo o que faltava na casa do Pércio, o convite de Teófilo e as dificuldades da Manoela, ocorreu uma armação das necessidades. Manoela, por se ver pequena no cuidado das crianças novamente sugeriu a volta de Simone, que não teve dúvidas em retornar, com uma condição; que pudesse levar Diógenes, o maior, enquanto o menorzinho, Francelino, ficaria com a dona Aparícia. Assim foi selada a recontração de Simone. Diógenes, brancura de criança, sendo Pércio caboclo da história natural da população brasileira, punha em dúvida a paternidade do piá. Às afirmações categóricas dos faladores, Simone contrapunha: é a cara do Pércio. Afirmava com firmeza que o bisavô tinha sangue alemão, por isso esta carinha branquela. A vida mais empurra que carrega e Deus sabe o que faz, filosofava pra mostrar a ignorância do povo. Depois, ria satisfeita, confirmando a verdade para ela. O Teo estava se saindo bem, principalmente, após engenhar uma casinha no meio do caminho, entre as casas de Manoela e Simone.

Entre os oito quilômetros se ofereciam vastas distrações. Os peixes, as frutas, a horta e uns bichinhos levavam a culpa por qualquer demora.

Enquanto Simone se desdobrava dando conta de Lídia, Ricardo e Gustavinho, Diógenes levava, nos fins de semana, doces e bolachas pra repartir com o mano Francelino.

— Não carece, dona Manoela.

— Dá prazer ver o teu menino contente.

Assim, Diógenes foi indo até a adolescência. Manoela guardava uma interrogação, contudo, mais valia a vida que qualquer resposta duvidosa do Teófilo. Acima do rio e da cara do Diógenes, contavam os filhos guardados com ternura. Instava para ter coragem: das minhas crianças eu sou responsável. Esta comunhão me sustenta.

# O TEMPO DISPARA

Viraram dez anos, entre vindas e idas, no trabalho de Simone, parando somente alguns dias pra descanso nos fins de semana. A casa de Manoela virou a defesa contra a miséria de Simone. O primeiro filho, muito perguntador, surpreendeu a todos pelos traços longilíneos, com DNA desnecessário para revelar a paternidade. Francelino virou num menino de paciência. De um jeito bom, pedindo bondade da mãe que pouco assistia as suas carências. Aparícia se consolava das culpas da filha. O menino não vai *sofrê* da sua falta, Simone. O coração dele não tem a frescura de muito carinho. Tem aqui a vó com bondade de mãe. Acho *inté* que a gente nasce bom, mais ou menos, ou ruim. Ele é bom! Há de ter uma sorte especial.

Assim, os dias marcavam no corpo e calendário a idade de cada um.

Os três da Manoela se haviam na juventude. Ricardo com 25, Lídia com 23 e Guto com 15 anos. Alegrias soltas num tempo disfarçado. Manoela fez as contas ao perceber a semelhança entre Diógenes e o seu marido. Certeza intuitiva de mulher pelo silêncio de Simone, que se esmerava em cuidados com os seus filhos. Desconfiava ao ver os filhos de Simone sempre bem arrumados. De Teófilo não saía nada. Ao conversar com Simone, um olhar distante, dizendo em uma *charla* sem interesse.

— O Pércio é econômico, dona Manoela.

— Dá pra se ver.

— E eu, sempre de roupa de trabalho. O luxo é para os filhos.

— Isso é.

Pela demora de Teófilo ao levar a empregada, havia recorrentes desculpas de papos longos com dona Aparícia, mulher de tentos firmes; coisa boa ouvir uma velha entendida na vida, que a pobreza tem dor e causos, querida Manoela.

Entre a casa de Aparícia colava a de Simone. Passou um tempo e Diógenes se sentia bem na casinha da mãe, com os cuidados da vó Aparícia. A velha, era só a *piazada* silenciar que, de dentro de casa, controlava, a cem metros, a fúria dos netos e de quatro ou cinco da vizinhança. Um grito inibia qualquer folia.

Histórias de paixão não esmorecem *asi no mas*. Na casa de Manoela há tempos se fazia fundo silêncio. Razões suspensas no peito de Manoela não acalmavam o seu coração. Resolveu não levar à sério, entretanto, fez as contas de mulher, sempre que ele ia tratar do açude, de algumas pombas, dos galos de rinha, deixava de ser o galo da casa. É a velhice, desculpava-se Teófilo.

O rapazinho Diógenes, amado como filho nas duas casas, certa feita, deixou escapar uma observação sobre a mãe: Pois é, ela trabalha na casinha do meio. O que mais atucanou as dores de Manoela que, pra garantir a paz da casa e dos filhos, optou por não levar adiante suas incômodas desconfianças.

Segredo oculto; para Simone mais contava o dinheiro extra do que não se negar ao melhor prazer, assim, cedia aos apetites antigos do senhorio. A senhora Simone se mostrava recatada na casa de Manoela; verdade seja dita, agradava-lhe receber os benefícios no meio do caminho. O prazer era desculpado: meus filhos necessitam de apoio. Concordou em atender fortuitamente a casa do campo. Voltando...

Na casa do meio do caminho Teófilo fez uma ceva de pombas e peixes. O passeio escondia a paixão não esquecida. A horta revelava os segredos do silêncio. Meias tardes mensalmente eram dedicadas ao amanho da terra e ao cuidado das sementes. Novas árvores cresciam nos plantios de Teófilo. Na primeira vez, teve cuidados. A quietude da caminhonete e as janelas com lâminas escuras guardavam os movimentos dos dois. À chegada de alguma visita, fazia

Simone retornar ao estado de empregada. De tempos em tempos, Manoela ia junto para ver que nada estaria acontecendo. Os olhos não comprovavam nada, ainda que os sentimentos insistissem dizer. Por mais que o fogo, nos dias dessas idas, prendesse no peito dos dois, não havia um fósforo pra denunciar. Teófilo até rude se tornava quando Simone ia apreciar as belezas da casinha do meio, as arrumações de flores, plantas diversas e águas diversas.

— Não seja tosco com ela, Teófilo, reclamava Manoela.

— Desculpe, fui mal, anuía Teófilo.

— Não sei o que dá em você, agindo desse jeito.

Dias depois Simone advertiu:

— Não faz assim comigo, perto da Manoela, pois, desse jeito parece esconder alguma coisa.

— Tem razão.

Vinham os desejos velhos e descontrolados. Raros, esperados, cuidadosos. Permaneceram nesse ritmo cerca de dez anos, quando ocorreu o acidente nos desejos de Diógenes. Avançou o sinal, enquanto, como na lenda grega, todos julgavam que ele estivesse quieto no barril, acendeu-se a lâmpada. A vizinha Mirtes, vendedora de roupas foi a culpada pelo descuido. Pela loucura da hora, perdeu a vergonha; simplesmente acusou o bom rapaz na frente da mãe, Simone.

— Estou grávida de você, Diógenes!

— Meu Deus!

Diógenes saiu da barrica e foi até à mãe.

— Meu filho, o que você fez?

— Um filho, mãe!

A história, imitando o filósofo grego, percorreu toda a região. Mais do que tudo, afetou Simone. Teófilo perdeu a amante por razões da natureza.

Ele mensalmente fazia amor forasteiro na casinha, no meio do caminho. Qualquer poeta poderia imitar: no meio do caminho havia uma casinha. Simone jurava ser mais que mensalidade. Para

azar do patrão, Simone viu ser tempo de parar com a aventura; o filho, filósofo remunerado, não podia ver a mãe sem pudor. Postou-se diante de Teófilo, declarando:

— Que agora a sua mulher terá o senhor por inteiro. Não pare no meio do caminho. Tenho a dizer: a paixão de anos não tem mais vez. Nasceu a minha neta; farei dela a minha razão maior. Vou trabalhar em sua casa só mais os dias necessários pra conseguir a minha aposentadoria; você será apenas o patrão. Depois dou os trinta dias, que a menininha carece de atenção.

— O que é isto, querida ?

— Acabou a querida. Esqueça a Simone. A vida em mim mudou. Vó é mais do que mãe!

Teófilo ia se dobrando pelo meio. A velhice e os medos precipitaram rugas antecipadas. Andava infeliz. Inconformado, queria mais. Os anos não me retiraram os desejos. Ouviu por fim a autoridade da avó Simone.

— Nada disto, homem. Acabou! Vou para a minha casa. Até falei para a Manoela, que compreendeu a minha decisão. Serei avó de uma criança. A Mirtes terá poucos dias para ficar com a pequena Marietina. Precisa trabalhar. Meu filho concluiu o curso de Filosofia. E quem você acha que sustentará a Marietina?

Aquele dia Manoela estranhou o marido, que chegou em casa mais cedo dizendo que viu a plantação e, por estar *muy linda*, não teve que repassá-la ou replantar as bananeiras perto do açude.

— Que bom, querido, terá mais tempo para mim.

# UM PAI CONTENTE

Pércio ficou contente com as mudanças. Agora tenho mulher, anunciava. Outro milagre, Diógenes nasceu para relatar as histórias respeitadas pela região. Fez milagre com um pequeno livro, pra dar de comer à pequena Marietina. Em curtas coleções, com outros professores, vendia livros. Mal dava pra pagar as mensalidades da filosofia. Terminara o curso, deixando algumas prestações. Escritor em pequenos lugares é como jogador de futebol nas aldeias: não tem visibilidade.

O curso fez dele pensador crítico e cheio de humor. Não chegou a se tornar cínico, a exemplo do mestre grego. Matutava: tenho tudo para ser descrente e amargo, pelo mundo e pelas ideias que me cercam, mas, aprendi a escutar a deusa que age em mim. Seja Nossa Senhora, seja o Espírito Santo, sinto-me capaz de brincar na tormenta. Tentei convencer Pércio, meu pai putativo, a entender a nossa cultura plena de fantasias e imoralidade. Falei pra não mais andar às escondidas com a cabocla Veneranda; tudo a ver o nome com o jeito; sabia dos lances deles. Curioso e investigador do cotidiano, também encontrou as aventuras da mãe. A película na janela deixava transparecer o que se ocultava. Filosofia tem disso, não é ingênua. Desculpava-a, pois sabia o corpo que tinha. Medindo tempos e semelhanças, sabia que os dois eram seus pais. A humanidade de Manoela é que era maior. Não duvidava de que ela soubesse, pois, externava julgamentos sobre tudo, fazendo-se de ignorante da intimidade na casa.

Enquanto rolavam tais eventos, Simone andava às turras pelos desejos inflados do patrão e os cuidados exigentes da neta. Para complicar mais a sua vida, havia o filho Francelino em quem, dife-

rente do irmão, se faziam interesses práticos; pouco visto e lembrado falou, pra mãe:

— Quero um hectare ou dois de terra. Mãe, pede pro seu patrão vender um hectare. Farei dele, fortuna. Um pedacinho não fará falta. Criarei animais e farei a terra inútil render.

— Dá um tempo, filho.

— Não é muito, mãe. Vejo meu irmão, já pai, metido a filosofar e eu, que não sou de pensar, quero trabalhar.

Foi assim: pedido de filho tem poder. Falou pro senhorio dos hectares solicitados.

— Aceito, Simone. Dou de graça e você fica comigo mais meio ano.

— Por dois hectares, fico pra limpar a casinha no meio do caminho.

Francelino ouviu a boa notícia.

— Sabia que ele ia atender o seu pedido, vó. Isso que é patrão. Agora posso pensar por mim. A senhora é uma santa.

Semanas depois, mais uma vez a conversa recaiu sobre ele e o irmão. Bem que parecia a Francelino haver, por parte da mãe, inclinação a mais para com o irmão. Ao ouvir da mãe que ele se tornaria bacharel em Filosofia, desabafou:

— Estes filósofos pensam, pensam e o mundo não deixa de se perder. Prefiro as manhãs em que planto meus experimentos. De meus hectares se tira mais paz do que dos livros do meu irmão. Veja mamãe, conveniei com uma empresa e só sairão ovos de primeira e frangos aos montões. Lucro mais com a alegria da terra. Agora, o Diógenes afirma que viverá do magistério. Acabará como o pidão do professor Dorneles, vivendo de favores.

Assim foi por mais dois anos. Diógenes foi contratado pela prefeitura pra filosofar com as crianças. Primeiro, reinventou as lendas gregas, tendo Ulisses como preferido. Fez dele herói de mil cidades e outros mares. Em cada porto Diógenes encontrava razões para pequenas reflexões e ações. Narrava excertos de Homero, sobre as aventuras de Ulisses:

- Havia um porto onde a bruxa de nome Circe mandava como se fosse deusa. O navio de Odisseu lá atracou. Ela enganava a todos por se comportar com a aparência de uma santa. O interesse dela, ao ver Odisseu, era prendê-lo e fazer dele o homem com quem ficar até se fartar, na cama de cetim e pérolas. Antes disso, enfeitiçou os marinheiros do chefe. Transformou-os em porcos e os enfiou num chiqueiro. Pensava que o chefe ficaria preso em sua beleza e com palavras doces e licores. Ele perguntou pelos amigos e ela mostrou os porcos imundos. Ele não suportou; foi até um deus amigo, Hermes, aquele que traz as notícias dos deuses. Os dois encontraram maneira de transformar novamente os porcos em marinheiros. Ulisses, então, desprezou a bruxa Circe, mandando que ela fosse dormir com os porcos, o que a irritou pelo desprezo. Enquanto isso, todos fugiram ligeiro. A feiticeira Circe se descabelava de raiva. Os marinheiros correram até o navio. Circe, por força da bruxaria, atirou pedras contra os mastros do navio avariando um deles. Os marinheiros levaram bom tempo pra terem de volta a palavra bem pronunciada, tiveram dificuldade para se livrarem do grunhir e roncar dos porcos, em que haviam sido transformados.

Apreciava também a história de Ulisses com a deusa Calypso, coisa divina, mas, essa é outra história. Não queria confrontar as aventuras de Ulisses com a cultura religiosa. Temia a pergunta dos alunos: como pôde o herói conviver com uma deusa, tendo Penélope como esposa?

As histórias não somente serviam ao interesse literário. Em todas havia discussões e ações correspondentes, o que era feito para encher de virtudes os pequenos discípulos. Por exemplo, os marinheiros ficaram com o péssimo costume de falar quase grunhindo. Então, muitos exercícios foram feitos para retornarem a pronunciar as palavras como antes. Cada um dos meninos e meninas aprendia a dificuldade em ser bom. Uns, liam mal; outros, eram brigões; alguns não ajudavam as mães; poucos não eram gentis. O professor Diógenes propunha tarefas contrárias aos defeitos apresentados. Se os marinheiros roncavam como porcos voltando a falar, por que os meninos e as meninas não poderiam ser melhores do que eram?

Claro que também eram lidos textos bíblicos, como aquele do velho profeta Eliseu:

*De Jericó Eliseu foi para Betel. No caminho, alguns meninos que vinham da cidade começaram a caçoar dele, gritando: “Suma daqui, careca!” Voltando-se, olhou para eles e os amaldiçoou em nome do Senhor. Então, duas ursas saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois meninos.*

Este texto foi motivo de muita discussão. Diógenes falava até de bulling na terceira idade e outras coisas, perguntando sobre a maneira dos alunos falarem dos e com os avós.

A violência foi contestada pelos meninos da classe. Então, Diógenes brincou:

— Tem gente na sala com pouco respeito pelos mais velhos; Leandro timidamente ergueu a mão, pedindo a palavra.

— Nesta sala de aula somos 32 alunos. Todos os dias eu ouço muita gozação e não há quem não mostra tristeza ao ser agredido pelas palavras. Fico bravo. Não digo para virem duas ursas sobre os que debochavam de Eliseu. Mas, um susto cairia bem e, se elas fossem estraçalhar, não sobraria nenhum de nós.

— Então, antes que venham as ursas, vamos pensar o quanto dói ter o nome ridicularizado e, o primeiro que estiver tentado para machucar alguém com palavras, pense nas duas ursas.

Diógenes ficou perplexo com a reação silenciosa.

Os alunos adoravam quando vinha o professor com as histórias de mitologia nórdica. Causou certo escândalo ao narrar como a deusa Fraya ficou com quatro anões pelo preço de uma jóia de pedras preciosas e ouro. Ela foi castigada por Thor. Onde se viu se vender por causa de um presente?

Nico Lopes, o maiorzinho da turma, foi atrevido dizendo preferir essa deusa ao Deus que mandou as duas ursas acabarem com os meninos hebreus.

Diógenes esclareceu como as culturas dos povos são diferentes.

Apreciava particularmente esta história nórdica: Um deus muito atrapalhado e um deus pequeno e sem muita importância desceram à terra para ver se as árvores estavam ainda bonitas e se os pássaros cantavam na primavera. Veio Loki, o trapalhão, e o menor deles, Honir. De manhã sentiram fome. Ao passar por um rio, viram uma lontra com um peixe entre os dentes. Loki matou a lontra jogando nela uma pedra. Aproveitou a carne para fazer um churrasco e a pele para dar de presente à deusa Fraya, que ajudava os deuses para que fossem felizes no amor. De barriga cheia foram adiante. Chegaram na casa de um anão muito bravo e valente, que de boa vontade os recebeu, mas, viu que haviam matado o filho pela pele da lontra.

O anão pai, louco por dinheiro, falou: para poderem sair com vida, terão que trazer tanto ouro que cubra a pele desta lontra, que era meu filho. Loki desculpou-se: como saber que a lontra seria seu filho? Depois de longa discussão entre os deuses, decidiram que Honir ficaria como refém. Loki foi escolhido para buscar o ouro, porque fora ele o atirador da pedra, tudo confirmado por Honir. Loki baixou a cabeça e saiu em busca de ouro, triste porque Honir o denunciara. Ao atravessar um rio pescou um peixe para matar a fome. Ligeiro como só, Loki pegou um lindo peixe prateado. E, não foi que o peixe começou a falar?

— Escuta, que atrevimento é este? Sou um duende, seu maldito deusinho!

— Ah é, é! disse Loki, o trapalhão. Estou com fome e vou lhe comer, quem manda lontra não ser lontra e peixe não ser peixe. Que estranho lugar é esse onde as coisas parecem ser e não são!

O duende disfarçado, vendo o perigo que passava, reclamou:

— Não faça isso que lhe dou parte da minha riqueza em troca da vida.

Loki não conseguiu disfarçar a alegria e logo aceitou não o comer.

— Pois, vire duende e vamos para a sua casa. Lá chegando, foi grande a surpresa de Loki ao ver ouro subindo até o teto do salão. Encheu um carrinho-de-mão de onde caíam barrinhas de ouro. Ia levando também um anel, mas, o duende advertiu:

— Não faça isso! Este anel traz muito azar.

— Que azar ele traz?

— Agora, meu azar foi haver encontrado você no rio.

O deus Loki riu do duende e também levou o anel. Lá se foi Loki com o carrinho-de-mão. De tão cheio, Loki gemia e o carrinho chiava. Enquanto isso, o duende via a sala mais espaçosa e cheia de ar. As paredes tinham recuperado antigas pinturas. Os pássaros vinham cantar na janela, espiando a casa renovada. Enquanto cantavam na janela do pequeno ser da floresta, Loki chegou rápido à casa do anão, e viu Honir branco de medo. Estavam ameaçando jogá-lo no panelão de água fervente.

— Está aqui o ouro! Agora, livrem o meu amigo.

— Além do ouro, exigimos o anel reluzente, gritou um dos filhos.

— Dê logo, disse Honir, e vamos embora antes que nos comam!

— Loki não pensou muito, foi saindo. Mal haviam dado alguns passos e a casa dos anões virou no que que é aquilo! Os filhos mataram o velho pai porque queriam tudo. O maior matou o pequeno irmão porque não estava contente com a metade do ouro que cobria o carrinho-de-mão.

A seguir, havia debate sobre as lições a serem tiradas e praticadas, de acordo com as opiniões dos alunos.

O professor Diógenes deixou a tarefa: que cada aluno fizesse algo para deixarem suas casas melhores. Deu dois dias pra tarefa; depois, conversariam em sala.

A mitologia grega também era do agrado dos alunos. Apresentou, então, a primeira história: o Amor é filho do deus Poros, cheio de recursos e poderoso, e de Penia, deusa pobre e pedinte! Penia usou Poros enquanto bêbado. Deitou-se com ele pra ter um filho, da relação nasceu a criança chamada Amor. Então, por causa de Penia, o Amor está sempre com desejo! Por causa de Poros, o Amor é muito poderoso. O amor saiu à mãe, insaciável. O amor é poderoso, mas, não sabe bem o que faz, pois, Poros era muito tonto.

Conforme aquela mitologia, o Amor pode ser perigoso, com seu lado complicado que, quando vira paixão pode matar e enganar.

Os alunos passaram a discutir, para as suas conclusões. O amor nem sempre vem sozinho, quando mostra o lado de Penia, pode se tornar opressivo ou, quando mostra o lado de Poros, tende a ser ciumento e dominador.

As aulas de Diógenes não agradaram ao pastor, que chamou o senhor Pércio, o pai, para um particular.

— *Buenas*, chamou, estou aqui, Pastor.

— Não brinque comigo, a questão é simples: seu filho traz aos alunos os deuses de todas as culturas, menos Jesus, nosso amável salvador.

Pércio, sem cultura, concordou e nem condições tinha de alterar com o Pastor.

O pai inventou de dar uma lição ao filho, dirigindo-se à sua casa:

— Escute, Diógenes! O Pastor disse que você não está bem com suas lições de filosofia. Parece que se esqueceu do seu Deus. Siga os princípios do seu pai. Pense melhor no que faz. Fale de Jesus!

O professor Diógenes carregava um sangue *no muy bueno*. Sabia, por observações, ser filho da traição. Carregava a simpatia maior da mãe. Bem mais que um DNA, o rosto revelava a origem do corpo e da alma. Aceitou, porém, quieto o pito do pai.

Pensava no que falar aos alunos. Passando por um capão, bebeu da fonte junto às pedras. Lembrou da Samaritana e Jesus. Escolheu Mateus pra entregar o texto aos alunos, resumindo:

*Nada adiantam as palavras bonitas. Pensem no seguinte: O bem se faz apenas com as boas ações.*

*Já que somos fracos perdoem uns aos outros. Se errarem não joguem a culpa nos outros. Quando estiverem mal, lavem bem o rosto e vejam uma maneira de andar melhor. Falo assim porque foi Jesus quem também falou desse jeito. Nada melhor para a alma do que ter gestos bons. Chego a dizer: se forem rezar e tiverem desentendimento com alguém voltem até a casa dele e se acertem.*

*Se apenas pensarmos em nós, a ferrugem e as traças corroem a nossa vida. Sejam cuidadosos. A gente não sabe o dia de amanhã. Juntar os tesouros do céu exige grande esforço, porque todo ser humano traz o mal, que fica espreitando para nos enferrujar. Portanto, é importante saber escolher para não ficar perdido entre muitas coisas ou muitas pessoas.*

*Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam. Não valeis vós muito mais que elas? E por que vos inquietais demais com as roupas? Considerai como crescem os lírios do campo; não trabalham nem fiam. Entretanto, eu vos digo que o próprio Salomão, no auge de sua glória, não se vestiu como um deles. Se Deus veste assim a erva dos campos, que hoje cresce e amanhã será lançada ao fogo, quanto mais a vós, meus alunos? As excessivas preocupações fazem com que as pessoas se tornem más pondo em primeiro lugar o interesse próprio.*

*Deus mora no braço e na vontade de cada um. Deus mora mais entre as pessoas do que dentro das pessoas. Deus não é um ser distante de nossa casa, de nossa escola e de nossas dificuldades. É bom estar de olho em tudo, para não haver surpresas desagradáveis. Mas também não façam tempestade com pouca coisa. Não vamos fazer como certa mãe que ao lavar o bebê ficou com a água, jogando a criança para longe. A cada dia basta o seu cuidado. Se a cada dia se der o devido cuidado, o dia de amanhã trará ótimos resultados.*

Depois, levou os alunos a refletir e cada um foi convidado a falar e a fazer uma ação para exemplificar o que estava escrito. Um aluno falou em fazer um poema. porque gostou dos pássaros e dos lírios.

Um deles brincou:

— E Deus vai gostar do seu poema? Ele que fez tanta coisa bonita!?

— É verdade. Mas não conhece a minha poesia.

Meus alunos aprendiam e eu me achava melhor do que os outros. Também carregava um diabinho tentador; era metido a saber mais dos outros do que de mim mesmo.

Esta lição é para aprender que a mentira tem pernas curtas. Certo anoitecer, Teófilo trouxe Simone para casa. Eu observei olhares diferentes. Disse para mim mesmo: Aí tem! Juntei as dúvidas, formando a certeza. Ele é meu pai biológico, traindo o Pércio, meu melhor amigo e meu pai de verdade. Minha mãe, a santa mulher que todos dizem ser, carrega traições em série. Até você, minha mãe!?

Foi assim; por estar mordido depois de ver o olhar cúmplice entre minha santa mãe e Teófilo, que montei praça na mata próxima à casa, no entremeio da minha e a de Manoela. Vi tudo muito bem. O que fazer? Meu irmão Francelino pouco interessado em saber da família, senão pelas tarefas no galinheiro, não deu pelotas aos meus cuidados. Apresentei a ele o relatório completo de cinco relações extraconjugais da nossa mãe. A janela ao ser fechada mostrava o evidente episódio, mano. Nem bem terminara o consistente relatório, ele perguntou se na minha ética havia algum estudo sobre a melhor maneira de cuidar da terra. Se havia algum filósofo preocupado em frangos e galinhas. Ao responder haver estudo atento às questões do lixo, olhou-me admirado. Investiu: por que gastar seu tempo a espiar os amores da nossa mãe? Não vou meter meu nariz nisso. Quem deve estar preocupado é meu pai. Se a ele não afetam tais coisas, então, por que vou perder meu tempo? Sei dele de tratos com uma mulata; por certo, não é somente para tratar do arroz que ela compra, concluiu. Que filosofia é essa preocupada com os pequenos pecados do mundo?

Percebi ser a minha ética de pouco expressão.

Resolvi passar a limpo, confrontando o meu pensamento com aqueles que andavam de rédea solta. Mesmo o Pastor carregava um peso oculto nos olhos. Os meninos viam neles intenções pouco disfarçáveis. Ele havia introduzido todo tipo de esportes masculinos. Era o treinador. Seu azar foi se aproximar demais de mim. Um belo presente e um abraço foram suficientes para sentir o terreno move-dido. Filosofava desde guri: por que presente e abraço, sendo perna de pau e mão de alface em todos os esportes? Por certo não trarei nenhuma taça para a paróquia protestante. Pior foi o dia em que flagrei o chefe religioso abraçando o Helmuth, do primeiro time de futebol da paróquia. Acho que ando pelos lugares errados. Distraído, esqueci o calção de banho, retornei ao vestiário e, ao ver a cena, ele afirmou:

— O Helmuth fez um golaço!

— Estou vendo, murmurei e me mandei.

Antes de dizer a última palavra, decidi: vou confrontar a minha mãe. Ao chegar em casa, Mirtes ouviu tudo o que contei ao irmão. A pequena comerciante, hábil em vender roupas vindas de onde a esperteza favorece, conseguia contribuir bem mais no bolo financeiro da casa.

— Mirtes, por favor, escuta; gostaria de falar sobre muitas histórias que envolvem a nossa família.

— Fale, Dio, enquanto ensaco essas peças de roupa.

— É sobre meu pai e minha mãe.

— O que tem meu sogro e minha sogra? Minha sogra está uma bela avó. A Marietina está feliz com os cuidados dela. France-lino falou que você anda invocado com muita coisa. Se quiser saber mais, vai direto à fonte. Acabe com as suas reclamações. Até o pastor comentou comigo: O Diógenes anda parecendo um profeta rabugento. Só faz reclamar e botar defeito em tudo e em todos.

— Resolvi ser também uma ave de rapina. Não vou mais andar apenas vendo com meus alunos a beleza de ser bom. Também serei como o lobo, direto na jugular de quem faz de conta não ver os males ao redor.

— Escuta, meu marido com ares de justiceiro, você poderá se dar mal. Vai devagar que o poço é fundo.

— E deixar tudo se arreentar, como o Brasil? É só olhar da Suprema Corte aos colegiados de legisladores e, se olhar o executivo, então?

— Diga-me, Diógenes, meu Dio santo, que sabe de tudo, o que aconteceu com a história do desvio de dinheiro na prefeitura? Não esqueça que você depende da secretaria de educação. Seu contrato é provisório.

— Tem mais, estão arrumando o telhado da escola. Fui conferir o material. Porcaria! Não tive dúvida em questionar o secretário que me respondeu de imediato: vá filosofar noutro lugar!

— Você acha que deixarão por menos?

— Por enquanto, não mexeram com as minhas aulas.

Fim de ano e o aviso de demissão. Sorte haver recebido uma bolsa para realizar meu mestrado sobre questões de ética na obra de Habermas: o pensador da comunicação. Por certo, valeu o esforço. O que me deixou aflito foi ter a tarefa de elaborar o trabalho teórico, não precisando me envolver com a realidade.

Minha mãe, pensando em me premiar, pediu pra passar com ela um fim de tarde na casinha da estrada; a do mal.

Pois bem, fui ter com ela. Não poderia deixar de dizer o que há tempos devorava minhas entranhas. Sabia ser filho de Teófilo, o que me incomodava muito. Olhando no olhar dos outros me via condenado pelos risos.

Estava feliz e me afiançou:

— Sabe filho, hoje parece que o dia foi feito só pra mim.

— Infelizmente, não tenho os mesmos sentimentos.

— Você tá filosofando demais. Ensina os outros a serem bons e fica aí falando estragando a figura de todos.

Pedi pra Mirtes brincar com Marietina, já com sete anos, e nos deixarem a sós. Ficaram contentes, pois, sentindo a voz dura e ácida preferiram se afastar.

Não perco o meu tempo com introdução.

— O que foi que lhe deu, mãe, em me ter com o Teófilo? Não pense que não sei as minhas origens. Sei também que andava com ele nesta casa. Vai dizer que era apenas encontro de trabalho? Por que carrega ainda as chaves?

— Não fica assim, as chaves estão comigo por ser presente dele, pra quando eu quiser usar. Estive, sim, com o seu pai algumas vezes durante dez anos. Deixei dele para cuidar da sua menina. Mais, engraçado, somente você é que sabe além da realidade. É verdade estive com ele e com ele lhe fiz. Confesso, filho, de amor muito pouco havia. Dei-me por necessidade e prazer. Afinal, se temos o que temos: uma bonita casa, dinheiro aplicado, estudos pagos, não foi

somente por conta do salário. É verdade, recebi prêmios por desfeitas ao Pécio e à Manoela. Foram duras atividades para termos onde morar. A gente vinha pra cá, pra também ter algumas alegrias. Não pensa que engolia serena meus sofrimentos e minhas culpas. Cada vez que me entregava, mais me dava por obrigação. Não havia mais traição, pois, não havia paixão. Depois, vivi somente por Marietina. Você está filosofando e mal sabe o que me custou. Não me condena, filho. Basta minhas lembranças.

— Tem também as coisas do meu pai. Acho ser de Pécio Medeiros, de fato. Sou de um Teófilo Alcântara escondido. Isto me chateia, mamãe.

— Encare o que você é. Não se amargure com os pecados dos outros. Faça de você o que importa. É um filósofo. Todo mundo lhe admira, será doutor.

— Serei motivo de honra.

— Assim será. Mas o preço dessa honra eu também paguei.

— Está bem. Ainda bem que a comunidade se cala.

— Se a comunidade não se calasse, pra mim, não faria diferença. Fiquemos assim, filho, antes que me retornem as vergonhas.

— Obrigado, mãe, por me ouvir.

— Cala, aí vem a sua mulher. Dignidade é com ela. Vende panos de toda ordem e come o pão sem derramar uma lágrima.

— Tão falando de mim, minha sogra?

— É isso! Tô dizendo pra seu marido o quanto eu lhe admiro. Assim que a pequena for pra escola irei lhe ajudar. Vou cobrir as mulheres de luxo que, cada vez mais, dão a vida por um pedaço de pano bem feito.

— Espero a gente poder viver melhor quando meu marido virar doutor,

Cortei o assunto ao sair.

— Vem cá, minha filha, vamos pescar?

— Que bom, papai!

— Vamos botar o barquinho na água, filha.

— Não aconselho, instou a mãe; vê primeiro se o tempo não fez furo.

— Cuidarei.

Ainda, ao preparar anzóis e iscas, ouvi.

— O que tem minha sogra, comeu radite do mato?

— Até a raiz, dona Mirtes.

— .....

— Meu marido, depois que começou o mestrado anda com muitas ideias!

— Falar é fácil, a vida é feita de muitos fios. Na vida não existe roupa pronta, nem agulha sem espetar.

— Também diz que devemos ser uma comunidade de diálogo.

— Falamos muito, sem saber costurar com a linha dos outros.

A brisa adejava pela casa antigos rumores e, lá veio a pequena:

— Olha aqui mamãe, pegamos dois peixes; um grande e um pequeno.

— Que pequenininho, este!

— Pobrezinho, não precisava morrer.

— Por que não jogou na água, minha pequena?

— O pai não deixou.

— Fez isso, senhor Diógenes?

Ele não reclamou, dizendo:

— Saltou muito antes de morrer.

— Mais do que reclamar é preciso sentir, alfinetou Simone.

— Desculpem, hoje não é meu dia.

Voltei pra casa, pra ler mais sobre o meu objeto de estudo, a teoria comunicativa de Jürgen Habermas. Dizem que ele é fanho e difícil de entender: escreve fanho, também. Pensar com ele também me deixa fanho. De todo jeito, as comunidades edificantes, nos tempos bichudos em que vivemos, só falam fanho. Voltei outra vez para minhas aulas de filosofia. Consegui uma vaga por amizade com o novo secretário. Cheguei a bolsa de estudos. Comecei a matutar pra

valer. Entremeio a essas arrumações, fui ter com o meu pai de ofício, Pércio Alves, o impuro. Danado o velho, eu sabia, vivia de festa com a mulata. Os amigos buliam comigo, chamando-o de come quieto.

A pedido da minha mãe, fui ter com ele. Nossa distância era grande. Cuidou de mim como José cuidou do menino Jesus. Creio ter sido José bem mais cuidadoso. No meu caso o Espírito Santo foi outro. Meu mestre dizia que a fala deve ser sincera. Fui a mando materno. Difícil quando não existe nenhuma linha a unir. É mais fácil respirar em ambiente rarefeito do que falar sem ter o que dizer. Tirei a sinceridade da sacola ao vê-lo tão solitário. Mais compaixão que ternura. Assim, percebia a mãe, dia a dia mais distante dele.

— Oi, pai.

— Oi, filho.

— Parece cansado.

— Desde que casei ando assim. Depois, vieram *voceis* e foi só *lidá* pra *sobrevivê*. Sua mãe *tava* mais pros Alcântara que pros Alves.

— E você, papai, faz tempo que anda mais pra uma cabocla que pra mamãe.

— Apenas distração, filho.

— Dá pra viver assim?

— Costuma, mas tudo feito bem quieto. Ninguém pode *dizê* que viu, ó, isto de mim.

— Não estou cobrando. Mamãe lhe tem o maior respeito.

— Disso não duvido. Só *das vez* eu ficava ciscado. Tamo assim: ela não tem o que *dizê* e eu não tenho o que falá.

— Bem pai, tenho mais o que fazer. A bênção. Vê que até o pássaro se comunica, fale mais com mamãe.

— Deus lhe abençoe. Muito cuidado, filho.

Separamo-nos sem mudanças de coração e atitudes.

Fui pra paróquia do pastor, onde havia uma academia. Ainda fazia ginástica pra aliviar a tensão do meu pensar.

Lá estava ele de olho na gurizada. Baita homem, Norberto Banafé Carnáuba. Veio me felicitar pelo mestrado.

— Não me parabeneze. Não sei se darei conta. Estou aprendendo a ser menos duro na comunicação, e mais sincero. Não aprecio ficarem pedras entre os falantes. Pensei em afastar as minhas dúvidas:

— Escuta, Pastor, o que acha da pedofilia?

— Pegou pesado, meu filho.

— Vi você abraçando um gurizão, dia desses.

— Ele até me beijou. Não foi minha a iniciativa. Vi você sair. Tinha certeza de andar com maus pensamentos. Tenho, sim, minha inclinação, se é natural ou não, não sei avaliar bem. Acho até que na minha adolescência a comunicação estreita entre meninos não me fez bem. Pode haver uma tendência de afetos ou coisa que o valha. Assumi essa inclinação que foi minimizada graças à minha mulher. Ela sabe da minha equação afetiva. Cuido-me. Tenho dois filhos, por isso tenho ainda maiores cuidados. Mas, quem dirá do melhor argumento contra a natureza? Se o acerto dos costumes diz o que é certo, apontando somente numa direção, tal acerto sofre do mal ao desqualificar quem não converge com o mesmo. Deus, por certo, não concedeu a todos o ponteiro de única direção. Parece o meu caso. Assim, ando com meu vôo erótico. Mas, garanto que não sou e não serei motivo de escândalo. Não arrancarei meus olhos por conta de possíveis escândalos, embora aprecie o corpo masculino.

— Pobre então o discurso de Dante no segundo círculo; operou em erro ao por maldade nas inclinações não autorizadas. Quem há de saber a justa medida entre a natureza, a cultura e a razão?

— Ainda bem que me sobrou algum percentual de desejo pelo encanto feminino. A natureza nem sempre está avisada, como avisado está o asno para distinguir entre o bolo e o capim, preferindo este àquele. E o que dizer, então, de quem se dilui inteiramente, com sofrimento pelas inclinações desaprovadas? Maior crime comete aquele que condena.

Compadeci-me do Pastor, dividido entre a natureza e os costumes.

Tendo a conversa se esgotado, rumei para casa. Desejei muito, no percurso, a que a minha pequena não tivesse inclinações reprováveis; que seja apenas mulher e acolha a maternidade como divina proteção. Tenha um homem para ajudar nos cuidados.

Cansado com o périplo de olhar de frente os tumultos que há tempos me fustigavam, fui ter com meu pai biológico, pouco importando a ocultada situação. Afinal, meus estudos não eram apenas pra bonito; não podia ficar calado para sempre, sem olhar de frente aquele que me ajudou a entrar no barco precário de mim mesmo.

# QUE PAI É VOCÊ?

Encontrei Manoela. Diante dela a minha fala é precária. Olhou-me a dizer ternuras de mulher: bom lhe ver quase doutor. Agradei, só em pensar na sua bondade. Soubesse da realidade que me cerca, bastardo do seu marido, grande poderia ser o perdão, se restasse tal gentileza.

Depois, fui ter com Teófilo; ele ajeitando as máquinas para a colheita e eu querendo ajeitar a minha história.

Estava ensimesmado. Até dos olhos saíam dores fundas. Se Dante estivesse lá, diria: o que fez da sua gentileza, da avareza, da luxúria e da violência que destruíram a sua casa? Tem guardada a amizade de Deus, porém, sua pouca razão lhe fez um homem infeliz?

Nem todos funcionam de modo igual à lei humana. Em alguns doem os crimes cometidos; em outros parecem mais suaves. Em meu pai a turba maligna impôs cruel angústia. Coberto de lama, estaria melhor. O barro cobriria a face fazendo amável o rosto desabado. A velhice, bem sei, é algo desagradável quando não desejada. Nele se via o rosto tenebroso. Lá estava descrita a face de Górgona, não fosse um homem a carregá-la. A eternidade em sofrimentos não faria tanto, quanto demonstrado no rosto do meu pai. Antes de abraçá-lo, lembrei Proust, *“Em busca do tempo perdido”*, em que mostra a luta contra a morte, a ânsia pela resistência e a dificuldade para viver. As artérias conferiam à fisionomia precoce rigidez escultural. Uma tormenta parecia sacudi-lo.

Abracei-o, dizendo:

— Meu pai. Que aflição é esta?

— Não sou seu pai!, retrucou com veemência. De onde tirou essa notícia?

— Quem me falou foi Simone, minha mãe. O menino que veio sou eu. Também, sei do seu medo em ofender Manoela. Também, assim vivi. Apenas mamãe e eu sabemos quem é o meu pai biológico. Sei também dos seus momentos posteriores que estive com minha mãe. Não condeno. Nada diminui os favores para sustentar a nossa casa. O bem e o mal às vezes se equivalem.

— Meu sofrimento é tardio; bem que devia ter mais moderação no que fiz. Também, devo confessar meu maior crime:

— Quando em chamas a nossa casa, se fosse mais corajoso, podia ter salvo a minha avó. Deixei-a morrer. Fui muito mau e sei o peso que carrego. Verdade, era noite e o medo me assustou quando as chamas se elevaram. Ela podia ter aberto a janela. Minha fortuna não apaga a culpa que me vem como tormento. Agora, mais forte, o remorso em relação à Manoela.

— Procure reparar da melhor forma possível. Guardemos em silêncio a minha filiação. A verdade nem sempre contém o melhor remédio. Em nada alteramos a realidade se falarmos ou não.

Ainda não havíamos concluído nossas palavras, quando Manoela chega muito contente. Joia de gente, pude, mais uma vez, conferir a beleza humana nela existente. Os filhos postos no mundo e já chegavam dois netos. Ela me tinha carinho especial desde que foi minha professora. E se ela estiver sabendo de tudo? Seu silêncio seria bondade ou frustração recalcada?

Dei-me conta rapidamente do que nos tornamos, guardando segredos. Via a velhice dos dois, não percebendo quão rápidos vinham meus cabelos brancos. Fiquei em paz depois de ouvir a Manoela; desconfiei, por fim, de ela saber o quanto sabíamos. Ela estava acima da perversidade e, mesmo com todos os custos, acho ter preferido se calar, sem esmorecer a vida dos filhos, nem se perturbar com a infidelidade. Creio, pois, Deus ter alguns filhos e filhas preferidas. Por certo não seria eu, sempre mais preocupado com as falhas dos outros. Sentia-me pequeno demônio espiando pelos telhados, sem dar devida atenção a minha casa. Filósofo, me encheria de ódio

se, por qualquer razão, sobreviesse o que Manoela sofreu. Mandaria pastar quem fosse infiel, e que nunca mais pisasse em minha casa. E o que dizer da minha mãe? Mudando o que deve ser mudado, também ela se resignou aos filhos, retornando aos trabalhos na casa de quem a expôs à estúrdia vida de dupla afetividade.

Dia desses olhei para a minha filha. Tá ficando mocinha. Momentos antes vi fotos dela quando criança. Verti lágrimas, mas, alertei-me: como estou com ela, agora? Medi a minha distância. Senti como se ela fosse passarinho em ninho na árvore. Bonito, mas distante. Recolhido em mim, tomei a decisão de me aproximar muito mais. Levantou-se para ir à escola; pensei: é hoje que vou começar. Despedi-me abraçando-a mais forte. Ela riu, afável, e completou, “hoje papai está cheio de amor pra dar”. Pensei melhor: estou com ela, não passando da pele. Minha pequena merece um pai de ação comunicativa. Se não for assim minha paternidade começa a ser de pouca expressão. Não terão as mulheres outro contrato com a ternura?

Repensei a minha comunicação de marido e pai. Puta vida! Estava a meio quilômetro. Mais me tinha Habermas que minha gente. Bem mais. E o que o alemão fanho havia feito por mim?

Não raras vezes, não sabemos bem ao certo onde, quanto, quando e por que perdemos os nossos melhores desejos. Falo pelo andar da minha carroça. Sou um mortal pouco intenso.

Pois bem, minha vida torce e se retorce. Tornei-me doutor em Filosofia. Por mais que a Teoria da Ação Comunicativa tenha sido meu objeto de estudos, não consegui fazer muito da minha tese. A prática do encontro humano mostrava-se claudicante. Meus propósitos caíram num tempo regressivo e comprometedor. Por melhor que foi estudar, uma nuvem de sentimentos estranhos à minha casa começou a me atingir.

Minha intimidade a se esvair como água de cacimba em tempo de seca. Meus vínculos se quebraram rapidamente. Minha valentia afetiva e meu berço de afeto carregavam uma criança morta. Esgotei em Habermas a comunicação do meu espírito. Tão estranho andava que a filosofia, por melhor que seja, acaba com qualquer um quando passa a ser o único objeto de preocupação. Fui indolente

por largo tempo e ao largo se passava a vida. Por mais profundo que andasse o meu pensamento em desvendar a comunicação, não encontrei razão para meu espírito se encontrar tão perdido: o inferno por me achar em selva escura. Desvendava as cores e os efeitos da comunicação, mas, não encontrava onde repousar a cabeça para me dar o mais necessário: a conversa contente que se colhe a qualquer hora em corações amenos. Nada encontrava pra me tornar ser humano de bondades, poucas que fossem. Andei nas trevas pelo esforço feito. Falava tão pouco e, por me julgarem sábio, mais me entristecia. Assim, não se cria um homem bom. A quietude é boa quando gera a paz. Mas disso nada havia. Acima de tudo perdia a Marietina, que andava de amores com um rapaz que não me inspirava confiança. Tá certo, eu andava de mal a pior, mas, não cego.

Por esses dias, em que meu espírito estava cingido de crueldade, retomei meu caminho alegre. Nem tão de repente quanto escrevo, mas, foi na manhã de minha alma que no principal momento encontrei a nossa senhora dos bons remédios.

Ainda pela manhã, após as minhas aulas *sobre o estado comunicativo e as dificuldades da sinceridade dos discursos*, meu pai veio me abraçar, desaparecidas as rugas profundas. Estava feliz o velho homem. Manoela havia falado do bem que ficaram após uma conversa com ele. Ela estava feliz:

— É assim, doutor Diógenes, brincava: se os velhos não se falam não há mais o que fazer. Estamos falando. O ranço da velhice parece ter sumido. Se eu fosse homem, poria minhas barbas de molho, isto é, andaria precavido, porque ninguém está seguro. Teófilo está um homem demudado. Sei lá onde renovou a paixão. Vive pra mim. Até morrem as bananas na casinha do meio, antes tão estimada. Os peixes do açude não nadam mais. Agora está comigo, acho que busca proteção. A velhice tem disso, esgota as valentias.

— Cuide-se, Manoela, pensei. Se sou entendido em comunicação, comunico-me mal. Bondade é a sua em me agradar. Sinto-me pequeno como pinguim perto do calor que sinto na senhora, elogiei.

— Não se faça menor, Doutor; a prosa com ele fez muito bem.

Ainda, trocamos impressões sobre o tempo, o sol e a brisa. Ela dizendo dos filhos e netos, com tudo o que há em quem sabe amar. Perto dela, eu seria apenas um satélite.

Invoco o bom Jesus que pedia de coração não esquecer o principal: a comunicação generosa com pássaros, raposas, gente estranha e todos os entes e as entidades voltadas para a vida, incluindo figueiras velhas. Ele pedia para livrar até bois caídos em poços, quanto mais pessoas com lágrimas nos olhos. Não posso esquecer a maldita Circe, louca para comer acepipes e Ulisses. Benditos marinheiros, livres da identidade suína e bendito o retorno das vozes humanas. Ainda, cogitei: se a voz de muita gente representasse o que vai na alma, animais repugnantes ou perigosos se expressariam. Fiquei preocupado: que voz tenho eu?

Orei como criança para o menino Jesus, atribuindo-lhe também a alegria, infantil que seja.

Assim aconteceu: entardecia e Mirtes soçobrava gigante brachada de roupas numa sacola que a dobrava ao meio.

— Querida, querida, meu coração se renova quando lhe vejo.

— Tem pra todo mundo nesta cidade. O inverno está chegando. Tem roupa quentinha pras crianças, suspirou, enquanto jogava no sofá as compras trazidas de São Paulo.

Neste momento, mamãe entrou.

— Tem mais aqui! Ajudem, que nesta escada tudo pesa.

Desci rápido, envergonhado por fazê-la esperar.

Santa Maria! De repente, ao vê-la tão cansada, uma lágrima desceu antes de ajudá-la. Ao chegar ao topo, Mirtes provocou:

— O que me olha assim, Dio?

— Você me comove, amor.

— Fala de novo!

Fiquei olhando.

— Diga de novo!

— Estou comovido por ver vocês duas tão carregadas. Não vos preocupeis tanto com o dia de amanhã, brinquei.

— Se depender da sua filosofia, não haverá nem radite selvagem nesta casa.

— Estou recebendo quarenta horas, pra lecionar num curso de mestrado. Haverá muito mais que radite selvagem.

Minha mãe passou por mim. Transbordava de contente.

— Assim espero, meu filho.

Mirtes sabia quando me sentia atraído. Abracei-a passando a mão nas pernas e até a cintura. Beije os seios sob as vestes azul. Veio, em transcendência, o hino de Dante ao sair do inferno. *Dolce color d'oriental zaffiro...* Alegrava-me a intensidade, como a dele por haver deixado as fúnebres estâncias. De fato, difundia-se a clareza suave do céu com a intensidade da safira.

— Quanto esforço para vestir as mulheres, consegui dizer.

— Ainda bem que reconhece.

— Sou reconhecido pela maneira alegre da vendedora e pela sorte de ser seu homem.

— É bom ouvir uma conversa assim. Pensei que os livros lhe consumissem as forças, não sobrando nada para mim.

Por diversos anos atravessei momentos bons. Passei no concurso para lecionar Filosofia na Universidade. Valeu o esforço para engolir Habermas e tantos fossem os filósofos mais amenos. Construí em mim o ser humano com quem conseguia conviver bem e, melhor ainda, estava alegre a minha casa. Estou deixando de ser aquele que vê os pecados do mundo e esquecendo os meus.

Mas, como faz parte da minha crença: o diabo espia. Pior, espia também a quem amamos. E, ao espiar a quem amamos, podemos sofrer o pior inferno. Para esclarecer: o diabo pediu a Deus para comprovar a minha resistência. Não havia como não lembrar Jó, com a triste história do homem ferido por Satanás, pior, com a licença do Senhor. O que acontecera a Jó, pareceu-me acontecer o mesmo comigo, a começar pelo início do livro.

— *De onde você veio? Perguntou o Senhor.*

— *De perambular pela terra. Respondeu o diabo*

— *Reparou em meu servo Jó? Não há ninguém na terra como ele, irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mal.*

— *Pudera! Tu tens abençoado tudo o que ele faz, de modo que os seus rebanhos estão espalhados por toda a terra. Mas estende a tua mão e fere tudo o que ele tem, e com certeza ele te amaldiçoará na tua face, provocou o espírito das trevas.*

— *Quero ver. Pode meter a mão nos bens e nos filhos dele, disse o Senhor.*

Lá se foi o perverso, matando tudo o que de vivo havia na casa e fora dela, fazendo o serviço autorizado pelo Senhor.

Senti, naqueles tempos, ser o próprio Jó na minha casa, por acontecer algo semelhante. Não perdi meu gado porque gado não havia. Uma diferença: Jó teve amigos a consolá-lo.



# DESCI AOS INFERNOS

Minha filha Marietina cresceu na suavidade da nossa casa até os dias de fundos sentimentos. A paixão tem disso: pode tornar a casa semelhante ao animal perdido! Por vezes, um tempo cinza povoava o céu das pessoas que se querem bem. Aceitei constrangido o namoro com o rapaz, embora sabendo do seu péssimo caráter. Foi meu aluno. Muito bem feito de corpo e de conversa interessante, mas, um estilo pouco confiável o acompanhava. Esta é a pior coisa, quando se convive com gente de caráter esquivo. O coração de Marietina era ingênuo. Ele, Rodolfo, conseguiu invadi-la a ponto de nada a convencer do ardil. Na verdade, um psicopata. Não houve quem se afastasse da ideia de apenas conviverem, sem casamento. Eu desconfiava dele. Tinha força nos braços. Vi ele humilhar uma menina e bater no rosto de um garoto quando foi meu aluno na escola municipal. Aceitava com humildade as admoestações. Fingia sentir compaixão, sempre voltado para si. Não conseguia dialogar. Ele era o bom, os outros eram maus. Um dos meus filósofos pequenos foi o cristão Maniqueu, que percebeu que certas pessoas dividem o mundo em boas e más. As más são os outros, quando não combinam com o seu modo de pensar. É fenômeno curioso que pode nos afetar, a ponto de nos voltarmos para única direção. Enquanto namorava, Rodolfo conseguiu a gerência de uma empresa e, por competência do trabalho, muito bem remunerado. Ao perceber o processo do namoro, avalei com cuidado o que ouvi. Numa das idas à nossa casa, Mirtes o ouviu ameaçando a nossa filha com palavras soturnas. Lembrei do adolescente na escola. Era temido. Isto não vai prestar, me convencia; também surpreendi Rodolfo com voz ameaçadora em sua direção. Depois, fui saber por ela do que se tratava. Desconversou,

dizendo ser apenas coisas de noivo ciumento; parece não querer que eu fale com quem quer que seja, desculpou-se menina. Cada vez, menos apareciam lá em casa. Por fim, o casamento. Dissimulava amor para nós dois. Chorei no casamento, desconfiando da sorte da minha pequena: presa fácil de um mau caráter. Senti-me o próprio Jó! Voltou em mim o sentimento infantil, sabia, pelo ar do tempo, quando o céu derramaria nuvens.

O mal estava em nós, ela repetia. Ele é homem bom! Rodolfo era o puro para ela, um santo. Percebemos, tardiamente, como ela nos olhava com um ódio ácido. Qualquer comentário em relação ao perigo em que se metia, só fazia nos distanciar dela. Ao me referir ao filósofo Maniqueu, ilustrando o mal em que se embrenhava, valeu-me o olhar triste. As lágrimas de Mirtes e de Simone despertavam maior desprezo no seu coração. Assuntei a questão com Manoela, buscando socorro, apenas obtive:

— Sei muito bem quando o coração de alguém não vê mais a nossa dor; por exemplo, por algum tempo o Teófilo viu em mim uma inimiga e até hoje não sei a quem atribuir a cegueira dele. Nosso espírito por vezes perde o juízo. Nada mais diz respeito, quando uma pessoa se perde nesse torvelinho. O pecado parece virtude. Sabe, meu filho, os chefes nazistas, mesmo após lhes mostrarem o horror nos campos de concentração, se sentiam razoáveis e morreram convencidos do propósito alemão.

Estava convencido, Marietina estava possuída por Rodolfo, o captor. Havia um pensamento mágico nessa sombria escuridão. Certa feita, passei perto da casa onde moravam. Ouvi sons surdos e gritos abafados. Entrei sem o menor cuidado. Vi minha filha sendo espancada. Saltei sobre ele e, com uma faca de mesa, o ameacei. Hoje, distante daquele tempo, estranho: um filósofo com uma faca defendendo a filha do homem pelo qual ela dizia ter amor verdadeiro. Mais estranho foi minha filha se voltar contra mim dizendo: você está invadindo a privacidade da nossa casa! Mais infelizes ficamos quando nasceu um menino, nosso neto. E se ele entender que a criança lhe deve a vida? Pesava em mim a ideia das crianças judias viajando em cavalos de ferro rumo aos campos de concentração. Di-

ziam que iriam em cavalinhos para outros lugares. Temia demais pela sorte de Josué, o nome do nosso pequeno neto. Para que deserto iria com a mãe? Se o judeu Josué concluiu a viagem no deserto chegando com muita sorte à terra prometida, como chegaria o pequeno Josué e aonde?

O cativo em que ficou minha filha foi visitado apenas duas vezes. Pairava no ambiente uma dor insustentável. Via-se em seu rosto a preocupação. Falou pouco com Mirtes: mãe, sonhei com uma vaca comendo a roseira do jardim. Curiosamente, Rodolfo mostrava carinho especial no amanho do terreno e no cultivo de diversas plantas. Toda a terra reservada ao plantio de palmas e flores revelava poesia: um arabesco de tanta harmonia. Como pode? Cultivava flores, enquanto via minha filha em ameaças constantes. O tempo não concedia bondades e, assim, estávamos em torvelinho quando o menino fez dois anos: adorável filho de Deus escolhido para salvador da casa. Mas, para espanto nosso, Rodolfo machucou o menino num surto de psicopatia. Pouco faltou para causar a fratura da região frontal: apenas, inflamação nas meninges. O ataque paranóico foi controlado com extrema dificuldade por Mirtes. Rodolfo confessou ser a primeira vez em que se sentiu ameaçado pelo filho. Sentiu-se ameaçado pela ternura materna em relação a Josué. Se fôssemos medir os buracos lunares, a alma humana teria ainda mais. Buracos inconfessáveis e de formas variáveis. As fendas reunidas em psicopatia e paranóia causaram finalmente uma melhor avaliação de Marietina em relação ao marido.



# JOSUÉ

Josué da nossa vida, o menino milagroso, orgulho do Senhor. Eu e Mirtes, cansados, semelhantes aos judeus no fim da jornada em busca da terra sagrada, merecíamos a boa notícia. Tudo semelhante à história sagrada:

Josué deveria conquistar a cidade de Ai, no meio do deserto. Estavam acostumados a derrubar cidades e todos a lhes atravessarem pelo meio do caminho. Josué, com parte do exército, postou-se na parte ocidental da cidade. No primeiro movimento dos soldados de Ai, Josué, mostrando medo, disparou entre tâmaras. Saíram então os soldados de Ai atrás dos israelitas. Correram até uma distância suficiente para que a outra parte do exército de Israel, postada no oriente, corresse atrás dos perseguidores. Assim encurralaram os inimigos. Mataram os soldados e os habitantes.

Em semelhança à particularidade do herói hebreu o nosso menino começou a salvar nossa casa, sem matanças. Sentiu-se ameaçado ao iniciar a vida. Foi batido, mas o Senhor não desprezou a pequena criatura. Marietina, vendo a ameaça para com o filho, percebeu que deveria rever seus sentimentos em busca de proteção. Rodolfo, como Ai, perdeu o chão, sentindo-se encurralado pela mãe e pelos medos. Marietina, resistiu em defesa do filho. Tornou-se mulher lutadora em favor do meu neto. Aos gritos de: “se abusou de mim, não vai abusar do meu menino”. Jamais Rodolfo pode ameaçar novamente o Josué; restou perceber-se abandonado. O menino frágil fez a natureza materna sentir os perigos em que se metera. Se Josué enforcou o rei de Ai, não foi diferente a sorte de Rodolfo. Se Josué enforcou o rei de Ai cobrindo de pedras a sepultura, assim fez

Marietina: esqueceu o marido. Foi então que ele chorou, entrando em profunda depressão, como se a montanha de pedras estivesse sobre seus ombros; assim, andou no próprio deserto por mais de dois anos. É verdade, tratou-se com cuidado e se arrependeu, mas, o sofrimento atingiu Marietina em definitivo. Mandou dizer: não venha nunca mais, sabe muito bem que existe distância legal entre nós. Qualquer desobediência em relação ao controle eletrônico, você irá para a prisão sem qualquer outra justificativa. Sem o pai o menino encontrou na mãe e avós o essencial para bem viver.

Devido às inclinações genéticas e às circunstâncias, Josué aprendeu o quanto a vida pode trazer inspirações benevolentes. Se a vida é cercada de fumo abominável, possui cores de safira oriental. Sucedem-se fatos admiráveis que se difundem. A fatalidade do mal nem sempre permanece, foi a conclusão a que chegou Josué nos seus vinte anos. Por tal razão e outras ainda a serem reconhecidas, decidiu se tornar psiquiatra.

Pois bem, Josué evoluía apesar dos conflitos. A natureza favorecia mais do que as circunstâncias.

Depois da formatura, fez residência em psiquiatria. Mostrou-se habilidoso até ao lidar com transtornos mentais mais severos. O maior benefício, porém, recaiu sobre a própria casa.

Não se conformou com o afastamento do pai, apontando ser ato de desmedida violência. Decidiu: sou maior de idade, quero que meu pai esteja comigo. Diógenes o recordou da legalidade daquele afastamento.

— Ele fez muito mal à sua mãe.

— Vô, faz mais de dez anos que converso com ele sobre o que aconteceu. Falei pra minha mãe sobre isso. Não se preocupe. Ele envelheceu e o tratamento teve efeito positivo. Meu presente será, mais que qualquer outra coisa, ver meu pai conversando com a gente. Se ele esteve doente, pouco importa, está conseguindo segurar as pontas do mal que o afligia. Ele compreendeu a doença, fortaleceu a sua confiança e não precisa mais se vingar do pequeno tamanho em que se meteu. Ninguém está livre de andar com algum distúrbio. O

Pastor me ajudou a perdoar. Qualquer um pode ser melhor ou pior. Ninguém pode dizer estar acima da natureza.

— Você é quem sabe da conveniente de aproximá-lo de vocês. Sua mãe, o que diz? Semana que vem, vá lá em casa, quero lhe ouvir mais. Veremos o que acontecerá. Avisa a polícia sobre a vontade de aproximá-lo novamente da sua mãe. Existem restrições jurídicas pendentes.

— Está bem, vô.

Passados dez dias, Josué retornou ao assunto.

— Tenho boas notícias, doutor Diógenes! O bem, por vezes, surpreende, meu querido filósofo! Meu pai foi ter com mamãe. Soube do diálogo, inicialmente, austero. Ela guardava rancor e o coração humilhado, mas, aceitou conversar.

— Estou gostando da prosa. Fale mais.

— Ele chegou cheio de temores e a mãe de ressentimentos. Sabia ele estar sendo acompanhado por um psiquiatra. Falei com o colega, que me garantiu o estado positivo de papai. Veja, vô: ele chegou pedindo perdão pela doença, mas que ela estava controlada. Não perdia nenhuma informação sobre o seu estado psiquiátrico. Quando ele se chegou tímido, minha mãe o abraçou sem muita confiança. Até em mim doeram as palavras do meu pai:

— Querida Tina, peço perdão por haver deixado me levar pela doença possessiva. Garanto, querida, não sei se posso falar assim; garanto que somente sobrou carinho. Gostaria de oferecer um jantar para os três, para recuperar o que perdi.

— E ela?

— Não deu mole: todos os dias, por mais de quinze anos, continuei sentindo as dores da violência. Uma nuvem me consumia pelo medo. Noites e noites acordava chorando em razão dos sonhos. Sou a vítima. Somente de dois anos para cá as nuvens aliviaram. Aceitei que viesse por saber do seu tratamento e por causa do apelo do nosso filho.

— Ele me ajudou muito. Estive a ponto de querer morrer por sofrer de psicopatia. Minha alma é que me deixava pequeno. Eu me

perdia entre a ameaça de perder vocês e a violência. Uma loucura! Fortaleci-me para garantir uma presença confiante. Ele e o meu psiquiatra, meus companheiros. De fato, sou grato pelo que fizeram por mim.

— Dê mais tempo. Tenho apenas esperanças. Aceito o jantar com o nosso filho.

Depois de uma semana, veio meu avô disfarçando a sua curiosidade.

— Soube do jantar; conversas promissoras?

— Pois é, vô, os dias andam como mulas descansadas. O peso foi posto ao chão. Acho minha mãe ainda ressentida, mas, vejo seu rosto mais suave. Sinal positivo, ele não se ressentiu pela sua resistência. Aceitou esperar. Sabe, vô, olhei para o meu pai e que dor vê-lo envelhecido e com o olhar arrependido. A figura humana é de espantar.

O longo retorno se fortaleceu com a minha participação. Ria com meu pai ao comentar a cidade murada da mãe. Ouviu a história das viagens dos mais velhos de um grupo. Novas paisagens, novas falas, novos sentimentos, nova comunicação, é isso que acontece. É só se por na estrada. Provoquei-o a ver novas paisagens.

— O que acha, Josué, convidá-la para uma viagem ao nordeste, arriscou Rodolfo?

— Veja com ela, pai. A viagem traz isso: os sentimentos se convertem à semelhança das paisagens.

# DEUS DEU-LHE UMA MULHER

Pois bem, anos se multiplicaram. Nem sei se pela imposição de fatos, inclinei-me ao pensamento de por remédios em dores. A medicina se impõe sobranceira. Estudei muito para ver se me superaria. Como falei, no chegar ao final da faculdade de medicina, decidi pela residência psiquiátrica. Não sem dificuldades, após um ano consegui alcançar a pretensão. Credito o meu sucesso profissional aos orientadores. Com sentimentos mal formados e ideias quebradas, atingi meu objetivo: saber e conhecer os meus infernos. Todavia, não consegui me livrar dos sofrimentos.

Casei-me com uma enfermeira, Laura, mulher admirável, melhora dos meus transtornos tardios. Não menos fiz por ela. Afinal casar também pode ser terapêutico, a exemplo da criação humana, conforme a lenda grega em que o homem e a mulher se faziam de um só corpo e uma só alma. Pois bem, por estarem postos de uma só natureza, ser homem-mulher, completo xifópago, ele-ela começou a se achar com poderes. Zeus sentiu-se ressentido pelas criaturas feitas por mãos divinas. Êta, animal complicado reclamou, por certo. O que estão pensando? Avaliou irritado. Tomou de espada celeste e partiu ao meio a linda criatura. Desde então, cada metade busca se reencontrar. Na multiplicidade das feições da alma e do corpo, resultou o maior castigo, que a tarefa do amor se tornou complicada pela chamada atração das partes partidas. A mulher ficou responsável para parir novas criaturas, fortemente interessada em proteger a vida e a intimidade, em tudo semelhante à história de Adão e Eva. O homem e a mulher se saíram mal por quererem se igualar ao criador. Que se houvessem obedientes e bem quietos.

Se a bíblica criação humana corresponder à verdade, Eva, ao se envergonhar da nudez, iniciou o apelo feminino constante em quase todas as civilizações. A vergonha exigiu do corpo toda espécie de atrações, substitutas da nudez. Diz Freud que, assim, nasceu *a inveja do pênis*, e, para disfarçar a falta, resolveu vedar de forma maravilhosa o que lhe faltava. Ao homem caberia sustentar a mulher e a prole. Por outro lado, devia segurar a força dos instintos de maneira razoável. À mulher que amasse os filhos; ao homem que fosse à caça.

Por razões da nervosia herdada do meu pai, antecipo excertos da narrativa viageira após o casamento. Para comemorar o casamento fomos à Roma e lá fui com Laura ao museu Etrusco. Houve muita alegria ao contemplarmos braceletes, brincos e vistosas preciosidades. Pois bem, Laura carrega heranças etruscas.

Na minha mulher a inclinação para a beleza assombrava. No início da nossa convivência, julguei ser sazonal o forte apelo ao embelezamento. O final do ano solicita o cumprimento de costume repleto de apelos. A beleza da alma fica encoberta por materialidades, provocando exageros em aquisições além do razoável. O abismo invoca outro abismo, assim, sucessivamente.

Quem sou eu para precipitar vendavais em Laura? Acaso não carrego ventos tóxicos prontos a irromperem? Não há Freud que contenha todas as avalanches.

Comecei a temer pela minha casa; como diz o salmo, ondas e vagalhões se abateram sobre mim. Paro-me como santo, mas, devo confessar as dores na minha casa. Meu pai, perdido e ameaçador, fazia minha mãe de vítima. Então, as suas dores repercutiam sombrias no meu avô Diógenes, o pensador, que rompendo o silêncio, esbravejava: é o inferno de Dante. Faz pouco me foram reveladas as memórias da família: a casa em chamas da tataravó Vera. A crueldade ao deixá-la entre os venenos agrotóxicos e o seu suicídio; as dissonâncias da bisavó Simone e a infidelidade de bisavô Teófilo. O mal da violência cobria a alma do meu pai. O sofrimento de Mirtes, vendendo roupas para sustentar a casa, enquanto meu avô filosofava, também constavam em minhas memórias; anos se fizeram até o

doutorado garantir melhor sobrevivência. Até o momento de garantir as melhorias na casa, ouviu poucas e boas. Chego à conclusão de haver outros sofrimentos escondidos na minha casa. Não meço bem as dores ocultas em mim e as lembradas por minha mãe.

Não me confesso inocente, pois, a minha gratidão é pequena ao não demonstrar o quanto Diógenes e Marietina deram de si para cumprir os meus estudos. Tampouco me inocento das dificuldades de Laura. Pela pobreza de origem, ajudei a que não poupasse tanto. Não sabia dos demônios escondidos. Despertei nela aquela inclinação, eufórica e latente. Pobreza tem desdobramentos.

Pois, Eva era dona do paraíso. Bastou ver sua nudez para buscar as melhores folhas. Por certo, as cores da natureza a atraíram. Na paixão há isso, não repara bem antes de exagerar. Se Poros, o Deus do poder, estivesse atento, repararia nas intenções de Penia, antes de encher a cara. Deu no que deu, um ser entre o poder e a carência. Retrato fiel de quem sofre de bipolaridade: ora se sente um gavião poderoso, ora um escaravelho rola-bosta.

*Buenas*, chega de prolegômenos. Minha querida Laura era uma enfermeira humilde, linda como só ela. O jeito terno, as feições encantadoras e o corpo elegante me atraíram. Via em mim um Poros, sendo apenas o psiquiatra esforçado, aliviador de loucuras alheias. Graças a medicamentos de última geração até depressões ameaçadoras eu retirava do peito de quem andava feito um ser depreciado. Assim, médicos se tornam competentes em razão de fármacos avançados, com acertos de dose e espécie. Essa vantagem me encantava, tendo lucros profissionais dantes nunca possuídos. Laura confessou mais tarde ver em mim a salvação da humilde lavoura onde buscava sobreviver. Pelas virtudes da competência, além das ofertadas pela natureza, fiquei refém do poder feminino. Ela escondia um mistério prestes a ser revelado. Casou-se em nós a ternura exuberante, escondendo nossos limites.

Mostrava-se recatada, provocando minha insistente conquista. Ela uma humilde ovelha e eu o lobo caçador. A paixão não me deixou enxergar seus transtornos compulsivos e, ela tampouco viu os meus. Surgiu entre nós um diálogo agradável ao dizer do meu

desejo em conhecer a sua família. Pelas roupas com que vinha, antes de conhecê-la, mostrava origem de parcos recursos. Melhorou depois de eu manifestar os primeiros arroubos. Mais tarde percebi meu caráter irrequieto: Poros bêbado e a festa nem havia começado. A sua casa, lugar de aconchego, ninho pobre de pombas, pintada recentemente. A mãe, dona Judite, me recebeu com carinho extremo. Um cachorrinho abusado latia nervoso. Vai deitar! Deixa o doutor passar! Chamei o cusco; veio ralando o peito no chão. Pronto, Jeremias, vê se acalma! Suspirou Judite. Veio o pai, a humildade em pessoa. Trabalhador com madeiras. Respeito era aquilo. Abracei-o meio sem jeito. Veio, então, a minha princesa. Não pode haver maior gosto masculino do que envolver a mulher amada contra o peito, sentindo os seios e a boca a se oferecer. A casa, lugar para medir o amor: simples e limpa. Madeira velha cobria os habitantes. Senti-me filho. Para afastar o sentimento de Poros, falei da minha casa também de madeira. A casa de madeira é mais amiga, expressei bem.

— A vida foi labuta, dona Judite. Meu avô ajudou na minha formação.

— Pois é, refletiu meu pretendido sogro, o sofrimento faz a gente as pequenas coisas. Até as tábuas do assoalho podem confortar.

O ar melhorou ao ouvirem sobre as minhas origens. Parece mania de gente humilde ver tamanhos imaginários nos outros. Mais do que tudo, agradou-me ver Honório mostrar algumas esculturas simples, mas, de ternura transparente: flores, gatos e árvores. Recebi de presente um galo: consciente ou não, dizia pra eu ser valente. Acertou em cheio. Mais uma vez passei os olhos pelas madeiras, travessas de pau-ferro e chão de grápia polida; natureza viva para onde olhasse. Por fim, os pais deixaram Laura ficar ao meu lado, sem outras vozes a pedir da minha procedência. Dona Judite desculpava Laura, ao dizer que a filha sempre sentiu não ter algum luxo. Sabe, a pobreza mal dá a roupa do corpo. Vi no rosto de Laura reprovação ao comentário.

Depois do almoço, lembrei meu avô com as histórias da mitologia nórdica. Senti-me bem ao narrar para os três ouvintes a história dos pequenos deuses do norte. Encurtando a história do meu avô, contei:

— Pois é, senhor Honório, o Loki retirou tanto ouro da casa do duende que conseguiu encher um carrinho-de-mão de onde caíam barrinhas de ouro. O deus Loki riu do duende. Levou o anel também. E lá se foi com o carrinho-de-mão que, de tão cheio, gemia e chiava.

Laura não perdeu a vez:

— Bem que esse deus podia passar perto de casa, deixando ao menos cair uma barra de ouro.

Honório advertiu:

— Preferi a casa onde os pássaros cantavam. Pouco adianta muito dinheiro se não dá para curtir a vida que queremos. Conheci um homem, doutor Josué, que mourejou a vida toda sem nada aproveitar. Morreu solteiro. Quebrou montanhas de pedras pra retirar o ouro. No final, faleceu quase jovem. Das pedras ninguém falou. Os parentes ficaram com o ouro.

— Mal consegui acreditar em Laura, quando falou do senhor, doutor Josué.

— Por favor, dona Judite, apenas Josué, e esqueça o Senhor no céu.

— Está certo, doutor.

— Aqui sou amigo, o doutor ficou no hospital.

Depois de rápido adeus, saímos para umas voltas.

Ela pediu que fôssemos ao meu apartamento. Pequeno, mas agradável.

Ficamos mais um tempo com conversas promissoras, depois, levei-a para casa.

Assim andamos por meses. Combinamos nos cuidar, mais por decisão minha.



# INTUIÇÕES MATEMÁTICAS

Mãe tem disto: não entrega a cria *asi no más*, ainda mais sendo uma só.

— Escuta, filho, não se esqueça das minhas dificuldades. Você, por profissão, entende a alma humana, mas, não se esqueça do seu avô. Ele falava tanto em comunicação, mas, punha um pé atrás ao falar dos vasos romanos: por melhor que sejam, eles podem esconder trinchas fechadas com cera. Terei prazer em conhecer a sua preciosidade.

— Sem dúvida, mamãe.

Fiquei atento a uma oportunidade para lhe mostrar a minha preciosidade.

Sucedeu de levar Laura até a minha mãe em dia cheio de clientes. Ultimamente a loucura anda solta. Os sofrendores mais querem é dizer das suas dores. Alguns não conseguem se expressar. Uso desenhos e argila pra mostrar a alma ofendida; mas, isso exigiria outra conversa.

Deixei Laura com a minha mãe. Era a sua folga, podendo ficar mais tempo com a futura sogra. O tempo e o lugar dão conta de maior conhecimento. No fim da tarde fui buscá-la.

Enquanto Laura andava de conversa com meu pai, afastei-me um pouco, pedindo a opinião de mamãe.

— Por onde andaram as duas?

— Shopping.

— E aí?

— Ela amou. Garota de olho estético.

— Gastaram muito?

— Mais ou menos, filho.

O olhar de mamãe traduzia temor.

— Gostou dela?

— Muito boa de conversa. Entende muito de roupas. Até me presenteou com uma blusa. Mas, não repare em mim. Não sou confiável em analisar os de casa. Ainda não me curei dos medos.

— É possível que ainda esteja contaminada pelo passado.

— Por certo, filho.

# FERAS À VISTA

Pelos medos de mamãe, densifiquei em mim uma nuvem, afastada pelos arroubos afetivos de Laura. Saímos à esmo. Semelhante a uma criança, mostrava festiva uma camisola.

— Só vestirei no dia do nosso casamento, provocou.

Senti em mim velhos reflexos bravios e agressivos. O Rodolfo em mim. *Mi Jesu, Misericordia!* Despertou a criança assustada!

— Quem diz que nos casaremos?

— Pensei que nosso namoro nos levaria a tanto.

— É pouco tempo para tomar uma decisão.

— Está bem, não estou pressionando ninguém, ressentiu-se. Leve-me pra casa, por favor.

— Como quer, querida.

— Pensei que me levasse a sério, doutor.

— Desculpa, não fui bem.

A noite chegou. Fiquei solitário ante o olhar temeroso da minha mãe.

No outro dia, no hospital, ela passou por mim com uma saudação protocolar.

Vendo-a defendendo a sua dignidade, não havia mais ambivalência. Ela me atraía. Fui ao posto de enfermagem onde trabalhava; examinava um protocolo e, ao erguer os olhos, mostrou-se fria.

— Aceita um convite para jantar com este monstro?

— Vou ver.

— Perdão, não se assuste que o monstro é manso.

— Vou examinar melhor.

No restaurante, ela se mostrou comedida.

— Dona Marietina fez algum comentário sobre mim?

— Gostou da sua companhia; apreciou o seu gosto por roupas.

— Acho que gosto das roupas para esconder a minha origem pobre.

— Não se preocupe com mamãe, Laura. Ela sofreu muito tempo no casamento. Teme que aconteça comigo o que ocorreu com ela.

— Por acaso viu em mim o bandido do seu pai?

Engoli a ofensa, perdoada por razão de minha grosseria.

— Desculpe a minha comparação, Laura. Ela também é de origem pobre. A sua mãe vivia na corda bamba. Sobreviveu vendendo roupas no mercado clandestino; bem dá para saber do tamanho da sua preocupação. Meu avô apenas mais tarde conseguiu ser professor na Universidade. Mamãe sofre até para gastar um tostão. Medos velhos dela.

— Ela achou que gastei demais comprando a camisola e a blusinha para ela?

— Só pra ver a dificuldade dela.

— É verdade, a sogra vê além da medida.

— Não tenha dúvida. Principalmente ela, pelo que passou. Quer superproteger o filhinho, achando que torrarei o rico dinheirinho do doutor.

— Está bem, já pedi desculpas.

- É bom saber dos temores dela. Meu pai ainda está se tratando. Ela demonstra insuficiência afetiva. Apenas agora, ele quase velho, começa a melhorar a sua autoestima.

— Nossa, em que família estou me enfiando.

— Não se preocupe. Os males estão controlados. É a casa que tenho. E me pergunto, apesar de haver passado por terapia: sou melhor do que meus pais? O que aconteceu ontem no carro dá pra medir

a minha dificuldade. Acho que estou inoculado pela irreverência da minha casa.

— Deixemos a casa dos nossos pais. Pensemos sobre a casa que teremos. Posso pensar assim, Josué?

— Desculpe sobre ontem. É o que mais quero.

— Suas palavras me dão muita alegria.

A noite foi promissora. Meus sonhos não foram muito serenos. Havia uma ovelha tosquiada que, em outro quadro onírico retornou entre espinheiros.

O mal estar dos sonhos evaporou. Laura me envolveu com seu corpo. A suavidade e o vigor dos movimentos reforçaram a retomada do compromisso, confirmado com palavras no café, posto com cuidado na mesa: a promessa e o pão. Um casal perfeito reunia elementos de convicção para celebrar os encantos da hora.

Um ano foi o tempo de moderação da Laura. Saía com Marietina, sabendo dos temores da sogra. Pra satisfação do filho, desaparecera o olhar de preocupação materno. Bem que Laura avaliou o perigo a rondar a conquista.

Laura me pôs a par dos diálogos.

— Seu filho gosta de cozinhar, dona Marietina?

— Gosta muito de lidar com panelas. A cozinha gera paz.

— Vou comprar então, pelo menos, uma caçarola.

Ela está se saindo bem, garanto ter sido seu pensamento.

Veio o casamento. Nada de luxo para não melindrar os pais dela. Convidei poucos amigos.

— Para celebrar, podemos ir a Gramado, que lhe parece, Laura?

— Concordo, mas, poderei ver algumas roupas em Nova Petrópolis?

— Na ida e na volta, querida. Fica por minha conta.

Não sabia com quem brincava. Notei a sua excitação na ida e na volta. A volúpia dos dedos era manifesta. Percebeu meu olhar.

— É engraçado como eu fico nervosa.

— Por causa das compras ou comigo?

— Você é tudo de bom.

Voltamos cheios de roupas e conversas felizes. Num final de tarde fui sozinho à casa de mamãe.

— Como foram? Perguntou a mãe, sempre atenta.

— Foi uma bela semana, mamãe. Ela é animada dentro de casa e nas lojas.

— Também achei. Não se preocupe, ajudei-a nas compras em Nova Petrópolis.

— Isto, as mulheres hoje não sabem se controlar. Um freio faz bem.

Silenciei, guardando as impressões.

Expulso um demônio, sete outros se apresentam, lembrei do Pastor Norberto.

Durou ano e meio a minha paciência. Agravava-se dia a dia o estado de humor, comprometido pelo caráter de Laura. Foi, mais ou menos, assim.

Convidado pelo bisavô Teófilo, fui ouvir o Pastor.

*Se você expulsa um demônio por um tempo, ele poderá retornar com mais sete.* Aí é um Deus nos acuda. Coincidência ou não, desacreditava da palavra do Pastor, retrucando: qualquer inclinação reprimida, mal tratada, poderá retornar disfarçada em diferentes formas. Não carece de diabos para pôr em dificuldades qualquer ser humano. Todavia, pode ser domada. A mágoa de Laura, por se sentir inferior diante das colegas de aula, pode ter se convertido nesta compulsão pelas compras. Talvez, uma carência ou medo infantil tenha se transformado nesta oniomania. Li textos sobre a mania para compras. Ela piorava dia a dia. Pois bem, consegui segurar as pontas do demônio durante um ano. A partir de então, tornou-se impertinente o excesso de compras. Quando tranquei as benesses, ela até se apropriou de um cheque, gastando por conta da exorbitância.

Outras vezes, desculpava as despesas realizadas como gastos da casa, superfaturados. Semanalmente vinham contas de bens

adquiridos via internet. Havia sempre uma desculpa, sem qualquer convicção.

Pior do que o descalabro financeiro, foi o transtorno em mim. Sentia-me ameaçado pela rápida mudança do seu caráter que, normalmente brando, começou a mostrar sua face raivosa.

Li numa revista, ainda que soubesse dos procedimentos:

*Dependendo do caso, duas outras medidas também devem ser levadas em consideração: frequentar grupos de autoajuda, como os devedores anônimos (DA) e nomear algum conselheiro, que possa orientar o paciente nas movimentações financeiras.*

A agitação fluía em torrentes. Uma despesa exorbitante num dos cartões de crédito fez que me perdesse de todo aprendizado para o caso.

Repeti o comportamento do meu pai, depois de agressiva troca de descomposturas.

— E isto aqui, Laura? Perdeu o juízo?

— Agora deu para ser miserável!

— É isto que merece! Um estalo no seu rosto foi a conta final.

Ela caiu sobre a cama; sinal para arranjarmos outro caminho.

— É assim que trata os teus clientes?

— Não, Laura, peço perdão, mas, você vai para a casa dos teus pais. Se continuarmos iremos nos ferir ainda mais.

— Quem diz que vou sair?

— Se não sair, saio eu. Não repetirei meu pai. Vamos estabelecer um valor para os seus gastos, além do seu salário.

— Vou lhe denunciar pelo crime previsto na Maria da Penha, seu animal.

— Vai. Sei da conduta a respeito de um cheque meu. Aliviei o teu lado, Laura, quando desapareceu o valor dado por um cliente. Vamos esquecer esta tarde.

— Só por mais um dia me deixa ficar. Não diga nada aos meus pais. O velho morre se souber.

— Continuaremos casados. Retornaremos se você me ama a ponto de poder afastar esta compulsão maldita. Para tanto peço com carinho pra você fazer parte de um grupo de devedores anônimos e ser acompanhada por um psiquiatra que não seja eu. Ele lhe ajudará com medicamento para regular a compulsão. Sua bipolaridade está muito presente. Se julgar melhor, há uma psicóloga que possui tratamento bem apropriado para o seu caso, com abordagem cognitivo-comportamental, com bons resultados.

— Nossa mãe do céu! Acha que estou tão louca?

— Também retomarei o meu tratamento. A bofetada mostra o quanto ainda há um demônio a me dominar.

— O que vou dizer para a dona Judite e o Honório?

— Que participará de um curso, enquanto buscarmos ajuda pra nós dois.

— Quanto tempo?

— O tempo da sua melhora. O psiquiatra dará a alta. Eu, quando tiver nas mãos a minha violência.

— Você me trata como criança.

— Eu não pareço uma criança?

— Então, cada um no seu quadrado, até voltarmos melhores e mais cuidadosos.

Os pais da Laura receberam a filha, convencidos da necessidade do tratamento.

# EM BUSCA DE PAZ

— Como vai, Laura?

— Estou seguindo o seu pedido; fazendo terapia com sua psicóloga e com o seu psiquiatra.

Em tudo semelhante a uma criança magoada.

— Não me troque pelo seu chefe; sou o marido que a ama.

— Sei. Sinto a sua ajuda. Melhorei, em vez de cobiçar um leão, compro um gatinho. Frequentei por duas sessões o grupo das Devedoras Anônimas, dei-me alta. A psicóloga é mais efetiva. Estou me dessensibilizando diante das lojas de artigos femininos. Estou bem menos excitada diante das vitrines. Passei por média. O psiquiatra acertou o medicamento. Meus sentimentos serenaram. Sinto a sua falta.

— Sei, transpus o limite da sua paciência. Seu avô Diógenes está aqui com meu pai. Perguntou sobre o Cristo que está sendo falquejado. O diálogo dos dois foi assim:

— Senhor Honório, não acha que ele está muito triste?

— Não queria que fosse sorrir!

— Estou me doendo. Ainda bem... Pelo que sei, nossos meninos retornam para casa.

— Seu avô a me ver espiar, foi direto.

— O que lhe parece o retorno, Laura?

— De Cristo, perguntei?

— Dos dois. Chegará ao aleluia, perguntou?

— Espero que se repita a noite de Jesus, respondi.

Foi então que o seu avô telefonou para você.

— Estou ansiosa, falta a parte mais importante do meu corpo e alma: você.

— Teremos o recomeço, querida.

Diógenes se retirou, voltando com tudo preparado para a festa. Chegaram também Rodolfo, Marietina e Mirtes.

Depois do telefonema de Diógenes, mal cabia em mim. Dispensei uma cliente. Fui. Andei nas nuvens. Depois, estacionei em frente à casa do sogro. Fiquei parado por instantes. Estava sem jeito diante dos últimos acontecimentos. Vi Laura vindo em minha direção.

— Você veio?!

Por momentos nos entregamos efusivos.

— Meu avô telefonou que você me esperava, querida.

— Desejei, mas nada pedi.

— O velho pediu demais?

— Filósofo é assim: vai além dos nossos sofrimentos.

— Então, vamos filosofar com Diógenes.

Formou-se uma coleção de sentimentos.

— Foi você, meu velho, perguntei ?

— Não. Apenas ajudei a colher o fruto maduro. Qualquer ação comunicativa pode fazer a diferença. Durante o movimento das famílias, veio Mirtes com a sacola de roupas instigando o olhar das mulheres.

— Sabe, Laura, é roupa sem grife, mas ajudou a formar o seu marido.

— Ele é muito grato ao trabalho de vocês duas.

— Se lhe agrada, escolhe uma. É o meu presente.

Rodolfo, em meio aos sons da festa, interagiu feliz com a sorte de uma casa.

Mais que a festa, os dias se sucediam em preocupações e conquistas. As dores do complexo maníaco não livraram Laura. De tempos em tempos recaía. A intemperança era paga com lágrimas.

Todavia, não repeti a violência. Ela, com auxílio terapêutico, buscava controlar a compulsão. Havia, porém, extraordinário subterfúgio para o seu apetite. Nasceram dois meninos. Leite especial; fraldas, as melhores; pediatra ao menor resfriado. Ninguém viu crianças com roupas tão lindas. Ela, ao vê-las tão bem, minimizava os gastos pessoais. Cresciam em conhecimento e idade. Dois meninos de fácil temperamento. Laura sabia das mudanças promovidas pela idade, a revelarem o futuro desconhecido. Temia que a dificuldade com as compras pudesse permanecer indomável.

Para encorajá-la, acordamos visitar os Estados Unidos quando o transtorno obsessivo estiver em segurança e eu pacificado. Passamos anos de reprodução afetiva e filhos: os dois que nos vieram, Homero e Aldo, criaturas infinitas, se medidas pelo tamanho de nossos sentimentos. Laura mudou sua maneira de ser. A vida lhe concedeu ternura maior do que a minha. Aprendi a ser pai, mas, percebia laços arcaicos entre ela e os filhos. Tive uma tentação, coisa superada... Percebi que a mulher ama mais os filhos que o destino do marido. A guarda física de nove meses é prisão para a vida toda. Ou serei eu menos apto para o amor? Comecei em leituras e esforços a conquistar a minha paternidade. A correspondência com eles me animava cada vez mais, mesmo havendo certa resistência, principalmente por parte do Homero.



# SONHO DE OUTRO MUNDO

Eu guardava a ideia envelhecida, fazer uma reunião para passar a limpo a família. Faz bem não esconder dor. Rancores bem postos podem aliviar. Desde a Vera, haveriam recaminhos. Todos nós havíamos engolido dores solitárias. Ultimamente, respirava as histórias de meu avô e, pela devoção com que as ouvia, tornei-me confidente de suas histórias antigas. Semanalmente, convidado para tomar uma caipirinha, lá vinha ele: Tem mais esta Josué... Aprendi a trajetória desde a Vera até a Marietina.

Não por vontade ou inspiração, fantasmas se impunham em meus sonhos. Parentes, conhecidos e desconhecidos, vinham e me acometiam de curiosidade febril, mais vivos do que mortos...

Certa noite, posso jurar, como se consciente estivesse, de repente, entre brumas:

— Sou João... Pareceu ouvir a voz. Sou seu tataravô. Estou purgando em uma estação rigorosa. O castigo me deixa sem graça. Mil desejos me devoram. Jogos, bebidas e mulheres me convidam. O castigo dói. Perguntei ao guardião se teria meus desejos atendidos.

Por de trás da nuvem, ouvi com clareza:

— Nem pensar, homem. Teve tudo em abundância. Paga a falta cometida. Assim é para as almas sem temperança: cem anos de reclusão. Pagará ainda por trinta anos.

Ouvi do meu tataravô:

— Fala por mim, meu tataraneto. Vê se me ajuda.

— Posso aliviar essa porta fechada para os pecadores?

— Por mais que o Senhor haja feito tudo para haver crudo silêncio, consiga pra mim um jeito para a comunicação.

— Fala, pelo amor de Deus, senhor João. Tudo me é estranho nesse sítio obscuro. Tem alguma ideia para aliviar a sua solidão?

— Temos internet divina.

— Não acredito, respondi com meu antigo pensamento sobre a eternidade.

— Bem melhor que a escuridão sem vida. A comunicação é apenas virtual. Não existe controle absoluto, mas há um juiz que está dobrando a pena para quem é flagrado com tais imagens.

— Quero ver de perto.

Como sonhador, via as imagens nítidas na tela divina, como-via-me a suavidade das notícias e das outras informações. O sublime do espírito contradizia os desejos dos condenados em processo de purgação. Eram provocados exercícios poéticos e outras atividades a evocarem sentimentos nobres.

Não segurei o riso ao observar o rosto descontente do João ao ser convidado a rezar. Por obrigação, lia a Divina Comédia.

— Prefiro as coisas de Passo Fundo; se for para ver tudo isto quando sair, prefiro ficar aqui. Deus há de perdoar o meu couro curtido, com outros agrados.

Mal o velho senhor acabou de revelar a sua insatisfação, vi uma mulher clareando a escuridão: seria a Vera, perguntei-me? Um desejo profundo no meu coração: quero abraçar essa velha queimada. Suas palavras me esclareceram:

— Enfim lhe encontrei, velho safado.

— Sei quem é você; pedi ao guarda pra me enfiar num canto em que você não pudesse me encontrar.

— E eu morrendo de saudades. Deixou-me no mato sem cachorro, mas, o amor tem disto: é tonto, feito de loucuras.

— Querida, não fui um marido exemplar e não há mais jeito; resta-me a quietude da purgação por mais trinta anos. Arrependo-me de todo o mal que lhe fiz.

— Não minta! Se aparecer uma diaba perdida será capaz de me traír.

— Juro por toda a teologia que aprendi, não farei isto.

— Promessa é vento sem muita direção, seu João. Mal creio no Senhor, como acreditar em você?

— Aqui a tentação é pouca. Pelo visto, no céu só há delicadezas. Querida, peço seu perdão pelo mal que ainda carrego.

— Sairei daqui a alguns dias. Perdoo-lhe, mandrião. Antes de partir quero saber: não viu o nosso filho Demétrio; terá ele falecido?

— Pergunte ao chefão que controla este sítio. Talvez com o seu jeito, ele possa dizer alguma coisa. Quem sabe, dá uma olhada na internet divina, lá poderá conseguir alguma referência.

— Não sei se aqui é o melhor lugar pra falar, mas, como conseguiu contrair dívida tão grande? Digo-lhe que a dívida foi que me levou à morte. Acabei entregando ao nosso filho Demétrio as terras, para liquidar o saldo devedor e ele me deixou sozinha, com a casa enterrada na lavoura.

— Mais uma razão para lhe pedir perdão.

— Que família esta minha! Agora fiquei ainda mais preocupada com a sorte que Deus reservou ao nosso filho.

Sem qualquer cuidado, o chefão interferiu:

— A eternidade é tardia para se resolver problemas. Acho bom ficarem com a solidão, bom meio para se aprender sobre a solidariedade.

— Desculpa, estou meio perdida neste sítio. Meu marido falou da chance de se ver imagens. Queria muito ver a do meu filho, Posso? Por onde ele andaria?

— Aguarde um momento, disse o monitor.

— Deixe-me ver, instou o chefão... Está mal, muito mal, está no inferno. Aqui está: Demétrio Alcântara, condenado a mil anos de inferno por não respeitar a mãe.

— Meu Deus, se aqui é péssimo lugar, como será o inferno?

— Além da solidão, os condenados se remoem em angústia e raiva. Vivem peleando uns com os outros. Quem se livrou dele relata que acontece cada surra!

— Pobre do meu filho. Ainda bem que é valente. Não existe um meio de aliviar ou diminuir o tempo de inferno?

— Não tenho nada a ver com certos fatos; parece haver uma senhora muito poderosa vinda de Israel... Não quero me envolver, mas, ela consegue afastar a ordem de todas as coisas. Se teve um filho sem o intercurso de um homem... Imaginemos do que é capaz!?

— O que devo fazer? Faço qualquer negócio...

— Dá pra notar de onde veio.

— Brasil, o senhor quer dizer?

— Vamos ao que interessa. Se a senhora for muito querida... Poderei dar um jeito. Venha para mais perto... Bah, tchê! a senhora ainda tem cheiro de queimada.

— Isso já não importa. O principal é o meu filho. Qual a mãe que não se dói pelos filhos?

— Mas como se queimou toda?

— Dor da alma não tem consolo. Nem o medicamento me afastou do desespero. Afinal, posso ou não posso falar com o meu filho?

— O inferno está passando por reformulações; o sistema está sobrecarregado.

— O que há com o sistema?

— É muito ladrão tentando sair do inferno.

— E o perdão para o meu filho?

— Difícil; Só com mediação de gente santa; já lhe falei de uma senhora, mãe da Chefia. Milhares de anos são reavaliados com prudência, e o pedinte precisa ter crédito, medido em cargas de bondade.

— Meu crédito é pouco...

Acordei; Laura estava aflita.

— Seus gemidos assustam até o vizinho. Se sou a culpada por sonhos tão feios, digo estar quase livre da oniomania. Até, fui convidada para ajudar o grupo de apoio aos consumidores contumazes.

Contei o sonho.

— Não me diga desta loucura, você é distante da religiosidade, para sonhar deste jeito.

— Sou religioso, bem mais do que pensam. Acaso continuasse sonhando, a dona Vera e o filho haveriam de se encontrar.

— Isto é absurdo.

— Não entendo assim. Acaso Deus não é comunicação? Veja o Universo. Veja Cristo, morreu por insistir na comunicação. Foi ele a pedir para verem o boi no poço, e o dito Espírito Santo é a própria palavra em comunhão.

— Tá falando demais para a minha cabeça. Vou puxar as suas orelhas, bem. Tanto fala em comunicação e vejo, neste ano, você conversando tão pouco com os nossos filhos.

— Você acredita nesta história de comunicação entre céu, inferno e purgatório?

— Sabia da chance pra quem sofresse por culpas menores. Pras maiores, queimação pela eternidade.

— Aí é que está, minha amada. Nossas convicções são sempre pequenas. Deus não se fixa ao que foi feito. Se a terra permanecesse no estágio inicial, não se daria a maravilha da criação. Pra mim, a condenação não se ajusta as infinitas possibilidades concedidas a todas as criaturas.

— Nossa, marido, você está demais.

— Também, não silenciarei pelo inferno criado na minha família. Isso não pode ficar assim.

— Nossa! Que história é essa de o João deixar mal a família, do Demétrio deixar a mãe daquele jeito, sem falar do biso Teófilo, comedor compulsivo. De fato, o dinheiro é cruel. Parece consumir qualquer sensibilidade.

— Não vem que não tem, se olhar bem pra sua família... Cada casa tem seu inferno, querida!

— Deixa a minha casa em paz. Sei o suficiente dela. Sei também quanto custa criar um filho confiável. Sei do meu pecado e quanto ele me custa. A natureza humana é repleta de contradições. Você acha que o inferno da sua família tem solução, caro Josué?

- A loucura do meu sonho poderá ser a lição levada a efeito.
- Fará o quê?
- Promoverei o movimento da sinceridade.
- Tenho minhas dúvidas sobre qualquer sucesso.
- Verá, querida.

Aos poucos, a inspiração pela busca afetiva entre os familiares se minimizava. A elasticidade de falas da eternidade, havidas no sonho, perdeu a energia do surto inicial. Certa noite, Laura ria ao me dizer: muito criativas as suas *sonhanças* com antepassados a conversar no purgatório, tentando dialogar com o filho no inferno. Convenceria Maria a aliviar a danação eterna?

Falei mais uma vez sobre a lição obtida:

— Em meio a tudo isto, o universo ensina a não debitar muito valor ao aprendido. Muito mais pode ser o conhecido. Deus nos chama a dar forma ao destino desconhecido, uma vez que não é possível que o pecado prevaleça sobre a virtude. Poderei retirar um bem dos males havidos? Esta a questão a me solicitar opinião.

— Fico duvidando de poder restabelecer qualquer benefício sobre qualquer situação mal havida. Aconteceu, tá acontecido! Os psiquiatras, que eu saiba, sempre andam fora do que é o previsto, são tão poderosos?

— Veremos, veremos.

# UMA VIAGEM PRA NÃO ESQUECER

Não tardou:

— Meu bem, ainda estou interessada em visitar os Estados Unidos, isto me agradaria muito.

— Querida, primeiro juntaremos alguns dólares, depois, conversaremos à vontade. Ponho dois, para cada um que você economizar.

— Feito!

Meses passaram e eu me sentindo mal, sem avançar em qualquer sentido sobre as conversas familiares. Quem não se houve mal foi Laura, avançou comprando duas viagens aos Estados Unidos, onde passearíamos rapidamente por Nova York, Washington e Boston. Nosso inglês estava com nada, por isso iríamos em grupo. Reunimos pouco mais de dois mil dólares.

— Meu bem, deflagrou ela, ao menos uma vez vou soltar meu diabo comprador.

Juntamos mais alguns trocados, comprando mais dólares. Encaminhamos os passaportes e obtivemos os *visas* pra conhecer o tio Sam. Lá fomos, Laura e eu. Havia bom ânimo. Até Homero, o maior e o Aldo torciam pela nossa ida. Fizeram suas encomendas.

De Porto Alegre, pela empresa Copa, escala no Panamá, rumo a Nova York, por aí, deu pra sentir pra onde íamos. Na imigração: *saquen toos los calçados*; quase nos pelaram.

Ao chegar no aeroporto JFK, imprimimos nossos visas novamente. Nada obsteu a nossa entrada na terra sagrada do tio. O grupo foi levado ao Hotel, próximo ao deslumbrante Times Square, centro material da alma americana.

Laura se tornou mulher encantada. O tio a deixou enlouquecida. O céu desceu sobre ela e o espírito da grandeza a iluminou. Meu Deus, não acredito que estou aqui! Um mar de imagens nos deslumbrava. Veja, meu bem, os movimentos em azul nas paredes desse edifício. De fato, respiravam. Eu via o espírito do capital enfeitando-a. Magníficas cores chamavam as marcas de toda ordem de produtos. Deixei-me envolver pela divindade da hora sem perder a consciência crítica. Laura, não; transportava-se na transcendência das tentações. Aceitei os pecados do poder e convivi com o êxtase da minha amada. Perdi a prudência me alegrando com o poder no qual ela se divertia. Afinal, não sou feito de certezas. Mais, ela apreciava a magia da festa americana. Mal suportava o meu problema crônico de dores nas costas. Agulhas mostravam a minha mortalidade; ela, entregue à imortalidade da riqueza. Assim, fomos de esquina em esquina: ela de cabeça erguida, eu, dobrado. Afinal alguém deve pagar pelo trabalho, austeridade, disciplina, orgulho e honestidade desse povo. Por fim, minha deusa se compadeceu da minha humanidade e fomos dormir; Laura borbulhando em palavras a euforia pela materialidade alegre do lugar; eu, a dormir.

No dia seguinte fomos ao museu Metropolitan. Confesso a minha admiração pelo acervo representativo de vários povos.

Mais uma vez, ficou expressa a cidadania americana, pois, em muitas das peças está registrada a doação feita por algum americano.

Expressivas peças romanas, muitas delas, cópias de estátuas gregas: riqueza extraordinária da grandeza greco-romana. De fato, os semelhantes facilmente se reúnem. A qualidade cultural da elite do tio Sam ficou demonstrada. Pudera, de tempos em tempos o museu promove festa para arrecadar recursos; para adquirir uma mesa, US\$ 150.000. Apenas sentar, US\$ 75.000. Ao comprarmos os bilhetes de ingresso, o caixa invocou o costume da espórtula; saiu ao natural: *I Don't have Money*. Adentramos com a nossa pobreza.

O acervo da área, com imagens da cultura bizantina, egípcia e árabe, mostra quem detém o poder. Demos uma espiada de três horas, apenas. A riqueza lá guardada mereceria, pelo menos, dois dias completos, não as poucas horas de admiração. Impressionou-me o

respeito de Laura, a sua paciência e as questões por ela levantadas. A alma humana inscrita nos museus me diz da presença dos povos lá lembrados. Mais do que simples visita, gesto humano da mais pura solidariedade. A história retrata as civilizações com suas religiosidades, os mitos e heróis, os objetos, as vidas e as realidades em relação à morte, pura comunhão. A conversação silenciosa com o tempo me apraz, como se estivesse lado a lado com temporalidades idiossincrásicas tão diferentes das minhas. União mística! O espírito do tempo se agita, invocando sentimentos e ideias na busca pelo diálogo. É a minha profissão. A transcendência bizantina e árabe me abençoou. Laura acompanhava o meu silêncio, avaliando admirada a complexidade humana disposta nas referidas áreas. Comoveu-me sua observação diante de uma estátua romana, infantil. Lembrou-se saudosa do nosso adolescente Homero e de Aldo, nosso amável menino. O que estarão fazendo? Não houve mais concentração pela humanidade distante nas imagens. Laura comungava a casa. Enviou mensagem sobre a vida feita em nossos dois filhos. Sentiu cansaço diante do passado e eu pelo ser humano tão passageiro, tentando em pedra, bronze e tintas fixar seu desejo de perenidade.

Falou, a ordem maior!

— Bem, vim com você que, agora, vai comigo, pode ser?

— Pronde?

— Pra Century 21, quero comprar algumas lembranças

— Vamos!

Pegamos um táxi e atravessamos o Central Park. Ao entrar na loja de roupas, doíam as minhas costas. Sentei na quina de um estrado branco, sob a bênção de duas manequins. Laura saiu a ver o universo de pura alegria. Passou uma hora, melhoradas as dores, fui a sua procura. Estava entre casacos de pena de ganso, tomada pela euforia.

— Olha a fofura; comprou dois.

— Estas camisas pra ti; comprou duas, ainda mais feliz.

Camisas de marca pros guri, comprou.

Outro casaco de pena de ganso.

— Bem, só setenta dólares.

Comprou.

— Faltam as lembrancinhas, olha estas xicrinhas. Comprou.

— Senta um pouco mais, se doem as costas.

Sentei e orei pra que tivesse paciência. Lembrei de Adélia Prado: *quem não tem paciência perde o céu e a margarida do campo...* E a mulher, completei. As manequins me acolheram mais uma vez. Entardecia quando retornamos ao hotel; bendito o hotel Holliday In Midtown West. Eu feliz por concluir o périplo, ela com as sacolas. As mulheres no hall de entrada comemoravam e exibiam as conquistas. Alguns homens como eu, vítimas de uma caçada. Notei haver homens contentes. Pesei tudo, minimizando as minhas costas pelo prazer de Laura.

No dia seguinte fizemos um tour pela cidade. Nada de especial, a não ser alguns pontos, e a Igreja de San Patrick, de encher os olhos e a alma. A transcendência invade o corpo me tornando mais pleno. Em dois dias, senti-me um humano melhor; melhor, não sei, por certo, maior. Conversei com La Pietá e os vitrais; mais que tudo, a grandeza interior a convocar a nobreza humana e as virtudes. Senti-me pecador ao vagar de um canto a outro, sem tempo para a ternura da poesia serena no átrio principal. Vi de perto o meu tamanho e a pobreza de meu espírito. Alegrei-me ao ver Laura comovida. Depois, andamos para admirar a robustez do edifício Rockfeller. Desistimos de ver NY do alto; medimos os valores, 64 dólares. Que o edifício nos olhasse!

Voltei ao hotel, enquanto Laura foi a uma butique.

Aproveitei para refletir um pouco sobre a grandeza de San Patrick, que contradiz a severa cultura americana. A exaltação material contra a força espiritual. A força dos vitrais e da Pietá, contra o poder material por todos os lados. A par da orientação repetida pelo guia, sobre a segurança, senti a pedra jogada contra nosso ônibus: éramos estrangeiros.

Dias depois, causou-nos estranheza os grupos de negros reunidos, vestidos de branco. Uma mulher da nossa turma perguntou

sobre qual seria a razão da cor. Era o dia do branco, responderam. Lembrei Gueorguiú, no livro a *25ª quinta hora*, em que escreveu sobre o orgulho dos negros, numa tribo da África, em festa, com os corpos cobertos de tinta branca.

Fomos ao memorial das derrubadas torres gêmeas. Como dizer algo sobre a alma de uma nação? Meus estudos são parcos, pobres, todavia não deixo de dar a minha opinião, mesmo ingênua. Pergunto-me: e o Brasil? Nosso fervor pátrio é pequeno e as leis não seguem o espírito da solidariedade. Prevalece o pensamento ego-cêntrico em que o respeito à ética comunitária se extrema e a solidariedade universal é limitada. Eles acataram a liberdade dos negros por determinação legal, sem se convencerem. Os tumultos recentes ainda apontam para as dificuldades de integração racial.

Fomos ao Museu e ao Memorial Nacional do 11 de Setembro. Em pequena parte do vazio das torres se ergue uma águia revoltada. As asas são de ferro com pontas erguidas ao céu, mostrando que os ferimentos não serão gratuitos. A demonstração de força não tardou. Criou-se a justificativa de que eles, no país terrorista, detinham armas nucleares! Nem enriquecimento nuclear havia. Quanta dor sem razão. Soldados americanos ainda sofrem tentando impor a democracia naquele país. Não descansariam enquanto o mentor, Bin Laden, estivesse vivo. O museu é retrato pouco expressivo, comparado aos quase três mil mortos. Ferros retorcidos e blocos de cimento revelam a catástrofe. O lago, sob constantes chuvas, forma as lágrimas pelos nomes dos mortos inscritos na pedra. As razões para tamanha agressão revelam o ódio despejado sobre a nação. Penso também nos passageiros das aeronaves pilotadas por assassinos. Foram imolados. Pensei, por que os EEUA atraem tanto ódio? A barbárie é o retrato vivo da irracionalidade humana!

Encontramos outros companheiros de viagem. Mais uma vez fomos às lojas, afastando o horror escondido. Ainda bem que todos sem desejos. A morte ainda falava alto. Tomamos o metrô e voltamos ao hotel.

Na próxima manhã fomos para Washington, D.C., capital e distrito federal dos Estados Unidos. O nome oficial da cidade

de é apenas Distrito de Colúmbia, sendo usuais as designações de Washington, "the District" ou, simplesmente DC. Lá mora o poder! Oficiais, são três, mas, tem o Pentágono, quartel-general da força militar. Não é por nada que Bin Laden selecionou esse lugar como objeto do seu ódio, para nele jogar um dos aviões, com oitenta e dois passageiros.

Conhecemos Washington à noite. Vimos, primeiro, a Universidade Católica de Georgetown. O fundador foi o jesuíta Carl Carrol, amigo de Benjamin Franklin, a quem ajudou a orientar no caminho pela libertação dos escravos.

Seguimos, vendo as embaixadas. A russa provocou exclamações, por mostrar com quem os americanos estão lidando. Fomos ao *The John F. Kennedy Center for the Performing Arts*, esnobação do país, às margens do Potomak. O mundo todo se inclinou ao convite de Kennedy para erguer algo, como dizia ele, referente ao espírito, e não a qualquer outra força. Impressiona o busto, com a cabeça de John. A perfeição posta em bronze. Não aguentei mais, que as agulhas das costas iam fundas. No memorial Martin Luther King Laura foi com o grupo. Voltou impressionada com a força do seu olhar. Mentalizei a essência do seu discurso: *I have a dream*. Imagino Martin Luther King, a transcender o seu corpo ao discursar para 250.000 pessoas diante da Casa Branca.

Começou a seguir o périplo pela devastação americana, no sacrifício de jovens. Lembrei, antes, a Guerra do Camboja: começo das matanças mais horríveis em todos os tempos, junto à Coreia e o Vietnã.

Fomos, por fim, no monumento aos soldados mortos na segunda guerra. Reconhecidamente, uma homenagem magnífica. O silêncio da noite pronunciava um discurso assustador. A loucura japonesa em Pearl Harbor precipitou o desejo norte-americano de lutar. O resultado mostra 400 mil soldados americanos, número semelhante aos dos mortos durante a guerra de secessão; mais de um milhão de soldados japoneses, sem contar os 400 mil japoneses civis. Nenhum grito de dor, nenhuma saudade, nenhuma mãe a chorar, nenhuma alma angustiada, o silêncio cobria a noite iluminada.

O círculo magnífico das coroas fúnebres imprimia reverência aos falecidos. Associei as mortes ao general Patton que, diante do fogo adverso, declarou que “amo a batalha mais do que a minha vida”.

Voltemos ao hotel, falou a guia!

Fomos à Arlington no dia seguinte. Pareceu-me ter ido aos EUA pra reverenciar os falecidos. Duas pedras no chão marcavam onde estavam enterrados John e Bob Kennedy. Uma ideia me conscientizava: lá também morrem irmãos por razões de ódio. Não longe de lá foi assassinado Lincoln, por razões sabidas; sob as pedras, debaixo da grama, dois irmãos por defenderem direitos iguais aos negros e brancos. Ontem à noite, Luther King, por defender a sua raça, aqui, pela mesma razão. Aquela gente ama matar e morrer.

A barbárie continuou a ser mostrada na manhã do próximo dia, no memorial pela guerra da Coreia. Pensei na dor nos olhos dos soldados, caminhando em terra estranha sobre tufos verdes. Agora, a dor é minha. As túnicas caídas sobre os ombros aprofundavam o espectro sombrio do memorial. Por domínios ilusórios matam os filhos e, se julgarem necessário, torram os filhos alheios. O site apura: *1*Coreia, *Cinco anos e meio depois de vencer a guerra somam-se 118.515 mortos, sendo cerca de 70.000 sul-coreanos e 33.729 americanos.* Os feridos e desaparecidos não são computados, tampouco a crueldade de todos os lados. Saí do lugar me sentindo um homem ferido. Diversos do grupo não quiseram ver a outra mortandade: dou-lhes razão, a loucura não agrada a todos.

Não me neguei de ver, logo a seguir, o memorial dos mortos na guerra do Vietnã. Mais barbárie!

Por cerca de mil anos, os viets aprenderam técnicas incomuns pra defender as planícies, as grandes árvores e o povo de olhos esguios. Numa luta assim não havia como combater. Vieram aviões com gases letais para acabar com as florestas. De nada adiantou. Como tatus, proliferavam; armas primitivas capturavam soldados americanos. Jamais esqueceremos o semblante de angústia dos soldados tentando encontrar o inimigo oculto. O testemunho incontestante

---

<sup>1</sup> [https://www.google.com.br/search?q=mortos+americanos+na+guerra+da+coreia&rlz=1C1CHZL\\_pt--BRBR740BR740&oq](https://www.google.com.br/search?q=mortos+americanos+na+guerra+da+coreia&rlz=1C1CHZL_pt--BRBR740BR740&oq)

foi de um capitão: *lutamos para fincar a bandeira no topo do monte. Perdemos quatro jovens. Uma semana depois lá retornaram eles, dominando o território. Destruímos os caminhos deles. Em semanas os refaziam.*

Para tanto, um pouco de história:

O envolvimento dos Estados Unidos nos conflitos da região, aumentou nos anos 60, com o número de tropas estacionadas no Vietnã triplicando em 1961, e de novo em 1962.

Kennedy, antes de ser morto, procurou orientação dos políticos e ouviu: *Caia fora!* Respondeu: *‘Esta é uma resposta estúpida, todos sabemos disso, a questão é: como cair fora de lá?’*.

Lyndon Johnson achou melhor assumir de vez a guerra. Essa barbárie ideológica, sem clareza de objetivos, provocou forte resistência da mídia e da população. Um jornalista, ao entrevistar um soldado sobre seus sentimentos, diante do convite para partir ao Vietnã, ouviu: *Não vou, pois, nem o presidente Lyndon sabe a razão da guerra.* O motivo ideológico não reunia razões suficientes para enviar os jovens para a morte. Em outubro de 1967, grande manifestação antiguerra aconteceu nas escadas do Pentágono e alguns manifestantes entoaram o que se tornaria comum nos protestos vindouros: *“Ei, Ei, LBJ! quantas crianças você matou hoje?”*.

A mídia lutou contra a loucura dessa guerra. Filmes com divulgação de cenas horríveis de soldados dilacerados, de crianças consternadas e desesperadas, correndo desorientadas, sensibilizaram a comunidade americana. Ao chegar em casa li no site:

<sup>2</sup> *Na guerra do Vietnã, morreram aproximadamente três a quatro milhões de vietnamitas dos dois lados, além de outros dois milhões de cambojanos e laocianos, arrastados para a guerra com a propagação do conflito, e cerca de 50 mil soldados dos Estados Unidos.*

Vi terror nos olhos dos soldados marchando no memorial da Coreia. Não diferentes seriam os olhares dos soldados na guerra do Vietnã. A arte tem disso: diz mais e melhor a intimidade da dor. Re-

---

<sup>2</sup> <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20111206123129AA1C8kV>

pito meu amigo Aleixo da Rosa, no poema Ser de Trevas: *carregam a mais humana de todas as dores: transbordante solidão.*

Pelo o que vi, meditei: O DNA da alma americana está contaminada. A profundidade dos costumes, nascidos na cultura da morte, está nos gestos disfarçados dos pais. Para mim estranhos, para eles inscritos em monumentos e nos fatos históricos trágicos. Eles, nascidos para a guerra, eu para viver. A nossa parca disciplina, de pouca adrenalina, suporta melhor as transgressões. Convive com a impunidade. Protege grandes e pequenos ladrões. Deixa pra Deus a justiça. Por isso ninguém nos olha com rancor. Nossas torres são menores, mas, permanecem de pé, ninguém as quer olhar. Amamos os prisioneiros. Se matam, não punimos. Permitimos o horror dos traficantes, protegidos por leis mansas. Presos, voltam para casa, desculpados por interpretações interesseiras. Deixamos os criminosos matar; entre os principais permissivos estão os políticos. Difícil avaliar qual das culturas poderá se purificar... Meditações, meditações de um pensador distante de casa. Veremos o que vai dar.

De Washington fomos às Cataratas do Niágara, distantes quinhentos quilômetros. Julguei muita distância e muitas horas para ver apenas as águas. Águas limpas dos grandes lagos: Superior, Michigan, Huron, Erie e Ontário, entre o Canadá e os Estados Unidos. As quedas, lado a lado, revelam a beleza de safiras líquidas.

Depois, fomos à Boston, pra conhecer a Universidade de Harvard. Antes, chegamos em Salem, pra descansar. As bruxas se mostraram na chegada; mal entramos na cidade, ouvimos forte ruído, o ônibus estaqueou.

— Aqui é Salem?

— É! Esperemos o socorro, avisou o guia.

Noite fechada, logo policiais cercaram a nossa nave.

O ônibus substituto não tardou. Mala aqui, mala acolá. Respiramos aliviados. Cansados, entramos no hotel. Grande confusão de quartos. As chaves abriam dependências ocupadas, ou não correspondiam às fechaduras. Assim, ficamos mais tempo lembrando 1692 e a condenação de John e das bruxas Rebeca e Martha. Que

tempo aquele dos reverendos Hale e Parris! Uma comunicação doida e fantasiosa matou meninas inocentes. Laura e eu afastamos as bruxas. Para compensar, tomamos sopa de aspargos. Não encontramos nenhuma asa de morcego.

Dia seguinte, sim, Harvard!

O guia, bem ao gosto das superficialidades, narrava curiosidades. Agradaria ouvir a história das ciências lá produzida. Lá, oito presidentes do país foram diplomados e cerca de 150 ganhadores do Prêmio Nobel tiveram participação como estudantes, professores e funcionários. Harvard é patrocinada por sessenta e dois bilionários que vivem, quase todos, nos Estados Unidos. Seu poder econômico é alimentado por diversas razões, sendo o desenvolvimento da ciência o principal fator de motivação.

Como não bastasse, mais uma vez nos certificamos da importância dos heróis. A Igreja do campus é testemunho fiel da barbárie; suas paredes traduzem a mais completa dificuldade da comunicação humana. As autoridades mandam os jovens matar e morrer. Paredes repletas de nomes de estudantes mortos na segunda guerra. É até admissível que se morra para proteger a vida em situações de perdas maiores, mas, um lugar com tanta inteligência não encontraria melhor maneira de esgotar as pendências? É possível até que alguns deles tivessem bombardeado Dresden, uma das maiores covardias da história. De fato, a inteligência não resolve nada quando constituída como virtude solitária. Como em Salem, a ideologia doida e fantasiosa matou meninos inocentes.

Por haver narrado para Laura a história das loucuras de Salem, ela teve sonhos horríveis em torno dos nossos garotos. Chegou a exclamar de madrugada: salvem o pequeno Aldo!

Acordei-a. Se as bruxas não atacaram a minha amada, retornaram em mim as figuras da tataravó Vera e do trisavô Demétrio. Por virtudes do além, tive a visão de ambos se encontrando. Uma loucura a mais não faria diferença, apenas outro sonho.

Eu a via com uma vara, atrás dele.

— Se Deus ainda não lhe matou, mato eu, gritava!

— Pera aí, mamãe!

Corria tentando alcançá-lo, até que, cansada, parou.

— Venha cá ladrão da mamãe! Por que foge se já morreu?

— Tenho culpa, minha doce senhora.

— Deixa prá lá. O mal é da nossa natureza.

— Sei que devo pelo mal que pratiquei!

— Ainda assim, pedirei pra reduzirem a sua pena.

— Como assim? Por aqui tem disto?

— Estou quase um uma criminoso, filho.

— É possível, então, sair do inferno?

— Pelo que vejo, existem penas alternativas. É verdade, tudo se transforma. Deus é transformação, basta haver comunicação.

— Mas, como será se eu sair daqui?

— Não sei. Que eu saiba os santos estão satisfeitos. Escuta, agora que sabe da alternativa para evoluir, faça alguma coisa para se aliviar do inferno.

— Obrigado pelo conselho, mamãe.

Senti, porém, em meu trisavô o comportamento de diabo velho. Tinha manhas, gostos próprios de um gaúcho distantes da santidade, ou seria como muitas rochas, em que, por mais que se rache, encontra-se pouco ouro.

Apiedei-me pelos esforços da minha tataravó. Ri por não achar a eternidade tão acertada e por encontrar um velho diabo pensador. Acreditei que tudo é possível com falas de boa vontade. Ria mais por distender o meu saber.

Acordei.

Laura falou se podia participar da minha alegria.

— O que quer dizer?

— Você ria, coisa rara.

À noite, fomos assistir à apresentação de Cats. Descobri ser obrigações em NY assistir a uma peça teatral, preferencialmente, musical. Valeu, apesar dos dólares despendidos.

Valeu a história de esperança, para uma gata abandonada pelas faltas cometidas. Anualmente a tribo dos gatos se reunia para escolher o gato que os levasse a algum lugar melhor. A peça se passava num lixão. Parece ser parábola humana: pelo sofrimento pode-se alcançar dias melhores e quem estiver em falta, pode esperar perdão.

*Memory*, a bela canção de saudade da gata, comove quando, abandonada, canta:

*Lembrança, sozinha à luz da lua*

*Eu posso sonhar os antigos dias.*

As demais canções valem pela beleza, ainda que meu inglês coubesse perfeitamente no lixão.

Novo dia, rumo ao Brasil. Sentia saudades mais do que a gata pela glória antiga. Laura e eu tínhamos nossos gatos para criar.

Sair do EUA é fácil; entrar, pareceu sermos criminosos.

No Panamá ninguém nos controlou. Soprei para Laura: veja a diferença, quando fomos aos Estados Unidos o controle foi como se fôssemos assaltá-lo. De fato, o Brasil não ameaça ninguém, nem o ingresso necessita de controle. O perigo está dentro dele, respondeu Laura. Por fim, Porto Alegre à vista. É bela a nossa capital, mas, Passo Fundo é o nosso lugar, onde está a oficina das nossas almas.

Laura chorou ao abraçar Homero e Aldo. Depois, a sós, perguntei:

— Por que chorou ao abraçar os meninos?

— Pela viagem.

— Foram apenas dez dias e você falou todos os dias com eles. Algo que eu não saiba?

— Não, querido, é comigo mesmo.

— Posso saber?

— Lembra dos três soldados próximos ao muro onde estão os nomes dos mortos na guerra do Vietnã?

— Lembro, sim.

— Achei Homero muito parecido com um daqueles soldados.

Por isso me comovi ao abraçá-lo. O meu menino está vivo. Acho que chorei também por ver os dois crescendo, crescendo e eu a me comunicar tão pouco com eles. Daqui a pouco se irão. A vida se encarrega de levá-los. E, como o Brasil vai, o destino é incerto.

Ela se pôs a chorar convulsivamente. Cogitei também, com uma lágrima no rosto: a morte norte-americana ensinou a que eu viva mais intensamente com os dois.

Dez dias fizeram diferença no corpo de Homero, também com o pequeno Aldo. Notei um respeito distante. O abraço tímido revelou a minha precariedade paterna. Eu os cuidava com dedicação, mas, não me tinham com ternura. Afastei-me pra carregar as malas até o quarto, com a ajuda do Homero que logo se afastou pra estar com ela que, ao abrir a sacola mostrou-lhes uma montanha de presentes. Uma fortuna. Notei que a mala dela estava florescida. As saídas com amigas renderam. Dias depois chegou a conta, cadê money pra pagar?

Bem que o Pastor tinha razão. Numa distração, sete diabos retornam espertos e derrubam qualquer santo. Minha santa se perdera. Por três meses foi um sufoco. Não podia me queixar da minha profissão, mas, o golpe foi de tontear. Laura percebeu a minha insatisfação. Sabia estarmos em maus lençóis. Sentei ao seu lado e começamos a reparar: eu com a minha irritação, ela retornando aos companheiros de compulsão. O fascínio pelas compras foi dominado a pau e corda. Certos medicamentos fazem bem às manias. O que eu não podia era tirar o prazer de ela usufruir as novidades. O mais velho, percebi, ficou reconhecido por não aviltar a mãe pelo exagero. Certa manhã ele se achegou, tímido:

— Papai, que bom ter um pai como você. Sei da dificuldade de mamãe.

— Só pra ver, Homero, cada criatura carrega seu cusco traçoiro.

— To cuidando do meu.

— Posso saber o nome do seu animalzinho?

— Não consigo mostrar minhas ideias, muito menos meus sentimentos. Sou tímido demais.

— Mas, vejo quanto faz bem falar comigo.

— Você não sabe quanto me custa.

— Foram minhas carrancas que o tornaram tímido?

— Acho que nasci pra ficar quieto.

— Nada disso, filho. Prometo ser melhor. Eu sei que tenho um cachorro muito feroz em mim. Vou amansá-lo mais.

— Tenho medo de mim.

— Não faça isso com você. Tem data esse medo?

— Lembro do dia em que machucou o rosto de mamãe.

— Perdão, filho.

Ele me abraçou com profunda ternura.

— Obrigado, piá do meu coração!

Separamo-nos, eu para os clientes, ele para a escola. Depois, não fomos mais os mesmos. Preocupado em curar as feridas dos outros, a minha casa demandava mais cuidados. Cheguei à conclusão que a minha Laura também estava desprotegida, como desprotegidos foram os soldados na guerra da Coreia. Ela chorava por ela mesma e por minhas zangas.

Certa manhã de domingo, confessou:

- Bem, depois dos memoriais das guerras, dói mais o sofrimento dos doentes pobres no hospital. Minhas armas são tão poucas.

Calei-me; como é difícil confessar o que deve ser confessado. Lembrei meu avô narrando o silêncio do pai oculto, o velho e quieto Teófilo. Se meu filho confessou, o que me impede de falar?

# CONVERSAS INTENSAS

— Doutor, a senhora Manoela quer falar com o senhor.

— Marque horário, Marlene.

— Ela apenas quer dar um abraço.

— Por acaso aqui não é um consultório?

— Já falei pra ela.

— Marque horário ou mande embora, repeti.

Esse foi o dia que o diabo fez para mim. Não consegui apanhá-lo nem pelo rabo.

— Está certo, Doutor.

Mostrei meu ser perverso, nem o comprimido para ter conduta amena resolveu.

— Doutor, ela foi embora. Quando saiu, deixou um recado: Sou a mulher do Teófilo, pai do Diógenes. Manda um abraço do Teófilo pra ele. Fiquei com pena da velha. Pareceu triste.

Entrei em pânico ao perceber o fiasco. O que aprendi de comunicação? De que valeram meus sonhos? Que merda sou eu? Telefonei logo ao meu avô.

— Vô, estou confuso. Apareceu uma mulher dizendo ser mulher do seu pai. Sabia ser Pércio o nome do seu pai e Simone a sua mãe. Que confusão é essa?

— Com o tempo a gente esquece a verdade ou não quer saber dela. O que tem a sua cabeça pra andar tão confusa? De fato, seu bisavô é Teófilo. Ele não foi fiel à mulher que se chama Manoela, traída pela minha mãe. Ela é uma pessoa extraordinária. Nestas alturas, uma santa.

— Vô, tem tempo pra mim, agora?

— Fico esperando, Josué.

Desmarquei dois clientes, com a desculpa de haver um problema na família. Diz pra eles, Marlene, que a próxima consulta será de presente. Atenderei na semana que vem. Saí me sentindo criminoso.

No caminho, recompus meu destempero.

O velho Diógenes me esperava. Logo a seguir me pôs a par dos possíveis ressentimentos da Manoela.

— Se ela sabia de tudo, quanta dor assombra o seu peito!?

— Muitas cobras a mordê-la.

— Vai logo na casa dela. Ela merece muito respeito.

Segui as orientações do vô, pra chegar às terras da Manoela. Uma casa cercada de verdes altos. Na minha agitação quase atropeliei uma garota. Ofegava, em mim a angústia pela culpa. Avaliei a minha confusão.

— Oô de casa! Oô de casa!

Abriu-se a porta e uma mulher idosa me recebeu. Então a reconheci por um encontro na casa do vô Diógenes.

— Senhora Manoela, não me deixe sofrer mais. Perdi a noção da decência. Sofro de uma dificuldade contumaz. Quando fico inquieto atrapalho-me muito até na minha casa. Faça-me melhor neste dia. Carrego transtornos afetivos e, justo com a senhora, perdi. Venho à sua casa para reparar a ofensa.

— Não faça cerimônia. Fui ao consultório pra arrumar a minha história pessoal. Como sempre, mal vista e mal contada. Parece haver convergência semelhante na sua história, doutor Josué.

— Por favor, me chame apenas de Josué.

— Depois de sair do seu consultório, pra desabafar, pedi ao Teófilo que convidasse a Simone para uma conversa mais próxima que, por certo, você conhece muito bem.

— Conheço. É a mãe do Diógenes, meu avô. Minha avó.

— Então, já que está aqui podemos aperfeiçoar o que me aflige; faz parte da psiquiatria reparar dores antigas. Elas não me deixam viver bem, tampouco morrer em paz.

— Amaria ouvi-la para afastar a minha falta de respeito. Pra me desculpar confesso que estou confuso, atrapalhado na denominação dos familiares. Os acontecimentos se tornam apagados. Sei haver um Pércio... Não seria esse o meu bisavô? Minha geração só olha para si mesma; esquece com facilidade a própria história. Só olhar como ando confuso...

— Por isso mesmo, preciso aclarar. Cuidei do seu avô Diógenes por longo tempo, apenas como cuidadora. Não estou pedindo nada em troca. Também confesso minha submissão e, por isso, os fatos me soçobraram. Suportei até a traição do meu marido. Mais valeu a paz dos meus filhos e o auxílio ao seu avô do que a minha irritação pela traição de sua bisavó.

— Isso merece reparação. O silêncio da senhora não sei se foi justo, mas sempre é tempo para retirar as ofensas.

— Veremos, Josué. Seu vô me telefonou sobre a sua vinda. Apressei tudo, então. Estou alegre pelo reconhecimento que está tendo. Ouço o carro, estão chegando. Fico feliz por haver perdoado a ofensas pelo bem dos filhos. Falaremos sobre tudo. Não quero partir sem paz. Ouço o carro, espero que a Simone tenha aceitado o convite.

Tinha noção de quem era Teófilo. Ouvira uma conversa sobre a distante possibilidade na minha ascendência. Sempre me confirmaram ser o Pércio o meu bisavô. Teófilo, alquebrado e arquejando veio em nossa direção. Simone, minha bisavó, vinha toda ciscada, mas sem perder o prumo no caminhar.

Entramos na sala ampla, silenciosos os quatro. Manoela, com naturalidade, começou a conversa enquanto servia o refresco, que a tarde estava uma fervura.

— A conversa seria entre os três, mas, com a vinda do Josué, estamos assim mesmo em família.

— Por que esta urgência, minha mulher, instou Teófilo.

— Você falou certo, minha mulher! Agora que estamos velhos; antes havia a Simone pra dividir o nosso casamento.

As palavras foram duras nos ouvidos de Simone e de Teófilo, ambos assustados. Em mim havia constrangimento, mas, pelo tom de Manoela, tudo estava na cor de safira clara.

— Não pensem que vim para agredir, seria estupidez. Se fosse para tanto teria feito há mais de quarenta anos.

— Dona Manoela, ouviu-se a Simone. Fui pobre e faria de tudo para dar pão e casa boa aos meus filhos. Traí. Peço perdão pelos sentimentos da senhora. Lembra os dias anteriores da ida até a Argentina? Por esses dias férteis engravidei do Diógenes.

— Também faz bem me confessar, minha mulher. Fui mau pelo que fiz. Sem ofensa pra você, Simone, amor mesmo foi só pra Manoela, expressou Teófilo.

— Mas comeu o mingau muito satisfeito. Sei também do seu desespero, Teófilo, quando fomos visitar o teu irmão em Soberbo. Minha dor foi grande e fui relevando pra não arrebentar com a segurança dos nossos filhos. Ainda assim, amei entre lágrimas. Isso não importa, sabia que era preterida em suas recaídas. Falo recaídas, porque havia também os encontros na casinha do meio. Distraía-me com as flores, mesmo sabendo haver outros olhares.

— Dona Manoela, se a senhora se sentir melhor, ajoelho-me pra pedir perdão. Se a senhora também quiser acreditar, maior era a necessidade de dar caminho pra meus filhos. Mais vergonha passei quando a senhora deu terras para o meu menor, Francelino.

— Dei as terras sabendo de tudo. Também sei que os encontros acabaram com o nascimento da Marietina, sua neta.

Vendo o silêncio austero de Teófilo, encorajei-me e falei:

— Sou convidado inconveniente, desculpem.

— Nada, Josué. Você é o testemunho desta história. Por nos ouvir com respeito tudo perde o peso antigo que carregamos, agradeceu Manoela.

— Então, senhor Teófilo, o que tem a dizer, provoquei.

— Por Deus, Manoela, acho que não existe homem que ame mais uma mulher do que esta que amo agora.

— Um pouco tarde para tudo isso, riu-se Manoela, com ternura jamais imaginada. Então, Simone, você se entregava por amor aos seus filhos e eu suportava por amor aos meus, só isso?

— Não, Também devo confessar que o seu marido tentou me matar nas ondas do rio Uruguai. Ele negou, mas, tenho certeza que estava tentado. Ele queria se livrar de mim pra não mais ofender a senhora.

— O desespero tem disso, mas não cheguei a pôr minha mão sobre a sua cabeça. Ao contrário...

— Deixemos assim. Agora, cada um viu tudo de perto. Estamos limpos. Os fantasmas se foram, finalizou Manoela.

Simone e Manoela trouxeram o bisneto e o bisavô num só abraço. Estreitamos nossos corpos. Uma comoção nos unia. Pois bem, como psiquiatra, já senti, ouvi e percebi tumultos e ondas de sentimentos, entretanto, lá me avassalei com a presença divina a nos envolver. Despedimo-nos aliviados, sabedores da nossa grandeza. Somente eu continuava com uma pedra sobre os ombros.

Na saída, meu bisavô abraçou-me novamente, falando-me ao piscar de um olho:

— O pecado valeu pelo resultado. Não faça o que eu fiz. Dói demais.

Concordei com o pedido; porém, ponho dúvida na sinceridade do conselho.

Abracei, particularmente, Manoela. Prometi retornar para conversas mais leves.

Sendo a noite dos pecados da ressurreição, fui ter com o Pastor da nossa igreja, o emérito Norberto Banafé. Conhecia o homem das muitas conversas no consultório. Agora, acamado, mais Banafé do que esperança. Compadecei-me ao vê-lo tão abatido. Não posso deixar de registrar as palavras suaves, pronunciadas entre sopros:

— Boa noite, pastor Norberto.

— Estou contente em dar a minha bênção.

Aproximei-me do seu peito. Ele estendeu as mãos sobre a minha cabeça. Está sendo o dia do Senhor, avaliei.

Ouvira dele antigos conflitos: sujeitara a natureza aos conceitos religiosos. Era agradecido pelo bem desenvolvido na sua juventude. Se Deus me desse a natureza homoafetiva que o possuía, não sei se renunciaria como ele renunciou. Posso dizer que a tendência sexual, minimizada pela crença e o pastoreio, legou filhos, cidadãos de vitalidade.

Voltou-se para mim, enquanto eu refletia.

— Ninguém pode me acusar, dr. Josué, de qualquer pecado. Resisti a toda tentação do meu corpo.

— Querido pastor, em princípio não haveria razão para resistir. A natureza impressa no corpo também diz da vontade do nosso Deus.

— Não foi o que aprendi. O costume não me autorizava. Agora é tarde... Murmurou com um sorriso.

— ...

— Nada importa agora... Nossa comunidade recebeu o bem através de grande pastoreio. Deus agiu e falou pelas mãos santas e pela boca verdadeira. Sempre seremos agradecidos.

O velho senhor agora dormia.

Tinha o suficiente por aquele dia.

Retornei para casa. O entardecer se dobrava sobre mim como seio e aconchego.

Laura e meus filhos haviam se comunicado pelo celular. Perceberam a comoção na voz e no meu rosto.

Homero e Aldo se afastaram: haveria uma conversa pouco afeita ao interesse deles.

Narrei os eventos da tarde.

— Quer dizer que a velha mulher aceitou a traição, assim?

— Foi como disse. Por curiosidade, bem: fosse eu, em caso semelhante, o que faria?

— Queimaria a casa com você dentro! Qual a razão da preocupação?

— Nada.

Na varanda, pensei: outros tempos, outros costumes, outras as mulheres, outros diálogos. Diálogos?

Chorei ao lembrar de Manoela. Temia pelos sentimentos de Laura. Passei a noite a medir a futura comunicação. Dia seguinte fui ver Diógenes, o velho sábio. Ao concluir os meus temores, provocou.

—Escuta, Josué, a comunicação só vale quando houver sinceridade.



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



**Agostinho Both** é autor de obras literárias e acadêmicas. Participou em diversos livros e revistas voltados para temas regionais e, particularmente, sobre o envelhecimento humano. Agostinho tem o prazer de escrever romances, contos e crônicas mostrando de maneira livre seu pensamento sobre a realidade regional. Possui estilo livre de preconceitos acadêmicos. Sua bagagem de pensador e professor faz com que penetre de maneira alegre, crítica e sensível sobre a cultura imigrante e campeira. Acima de tudo procura entender as culturas e as gentes que povoam seu mundo vivencial e cultural. O livro *Casa em chamas* traz um universo de conflitos e lutas para superar limites.

Foram dias de tempestade para Teófilo. A natureza falava alto, a força divina pouco invocada, o desejo uma torrente e a vontade, dúbia. Foi ter com o pastor para ver como diminuir a tentação que se alastrava pelo corpo e alma. Não havia água suficiente para apagar a sede.

— Estou como Davi, pastor Norberto. Tenho tanto medo de desgostar Manoela. Se Davi viu a mulher de Urias nua, estou tentado, mesmo vendo a Simone toda vestida.

— É loucura ver o que viu e fez Davi. Nestes casos não há outra solução. É matar a pau esse diabo que te devora. Manda embora essa mulher, já que não controla o corpo e a tua arma; quer dizer, a alma.



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

